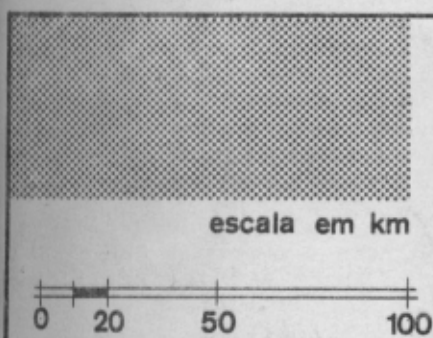
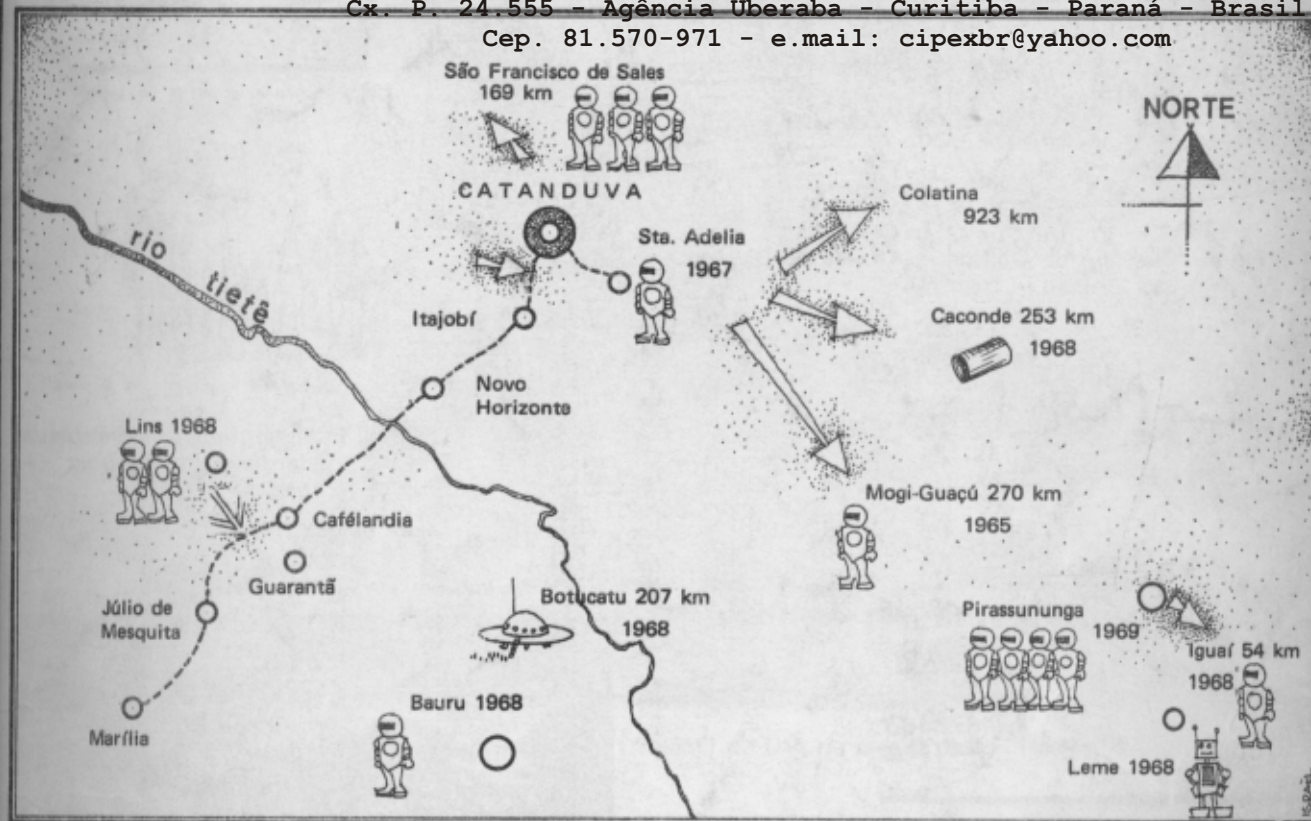




TESTE UFOLOGICO NO NORTE PAULISTA entre 1965 e 1969

Simbologia:

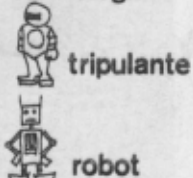


Fig. 2. Mapa do norte paulista. Cidades de aparecimento de ufonautas e dos casos de Onilson: 1º caso (seta simples); 2º caso (seta dupla) - Itens nºs 4, 5 e 7.



Fig. 3. Foto do Jornal "O Regional" (Catanduva - 25/5/73) - Desenho "falado", de Lacy Pinotti - DV do 1º caso de Onilson - Item nº 4A.



Fig. 4. Foto da SBEDV - Provável posição do carro (de Onilson) abandonado perto do portão (seta) da fazenda Água Santa. Atrás, os fios de alta tensão - Itens nºs 4B, 4C, 4D, 4E.

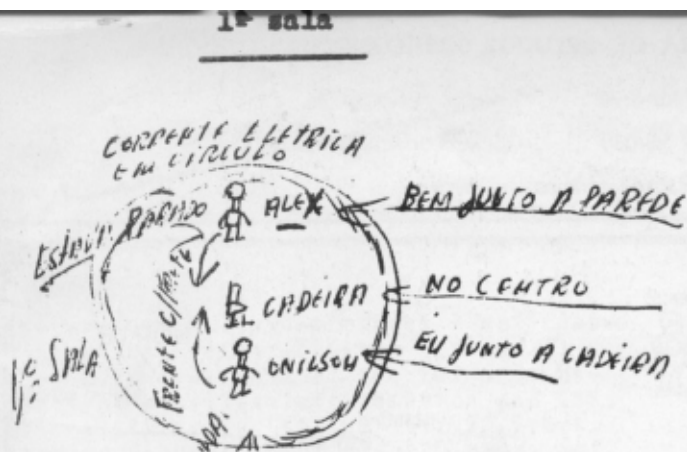


Fig. 5. Desenho de Onilson — 1ª sala do DV, no seu 2º caso — Item nº 4C.

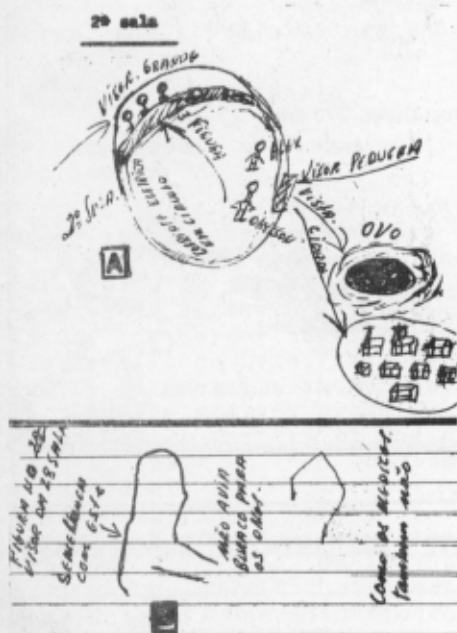


Fig. 6. Desenhos de Onilson — Em "A": 2ª sala do DV, no seu 2º caso; em "B": tripulantes encapuçados, como teria visto por uma janela — Item nº 4C.



From sketch of the three entities by Kigne Sanchez Vera, staff artist of "Sur Argentino."
(da Flying Saucer Review-Julho/Ag. 72)

Fig. 7. Foto do Jornal "Sur Argentino" — Desenho "falado" — Ufonautas encapuçados, vistos em Neuquem — Item nº 4C.

CIPEX e GENA
2004

Em 24 casos conseguiu-se observar a morfologia dos tripulantes, que foi

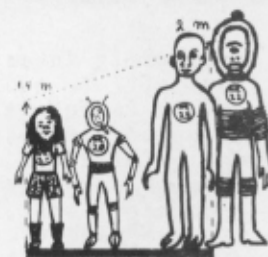
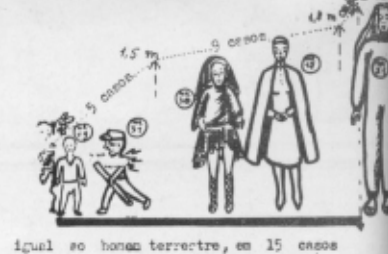


Fig. 1. Alguns tipos de extraterrestres humanos e humanoides Item nº 3.



Fig. 10. Foto de "O Diário" (Vitória, 05/05/74) — Onilson junto à pedra onde gravou suas iniciais, na fazenda Catuá — Itens nºs 4C, 4D



Fig. 11. Foto do "Jornal da Cidade" (Baurú — 08/05/74 — Familiares recepcionam Onilson na volta a Catanduva, após o seu 2º caso — Item nº 4D.

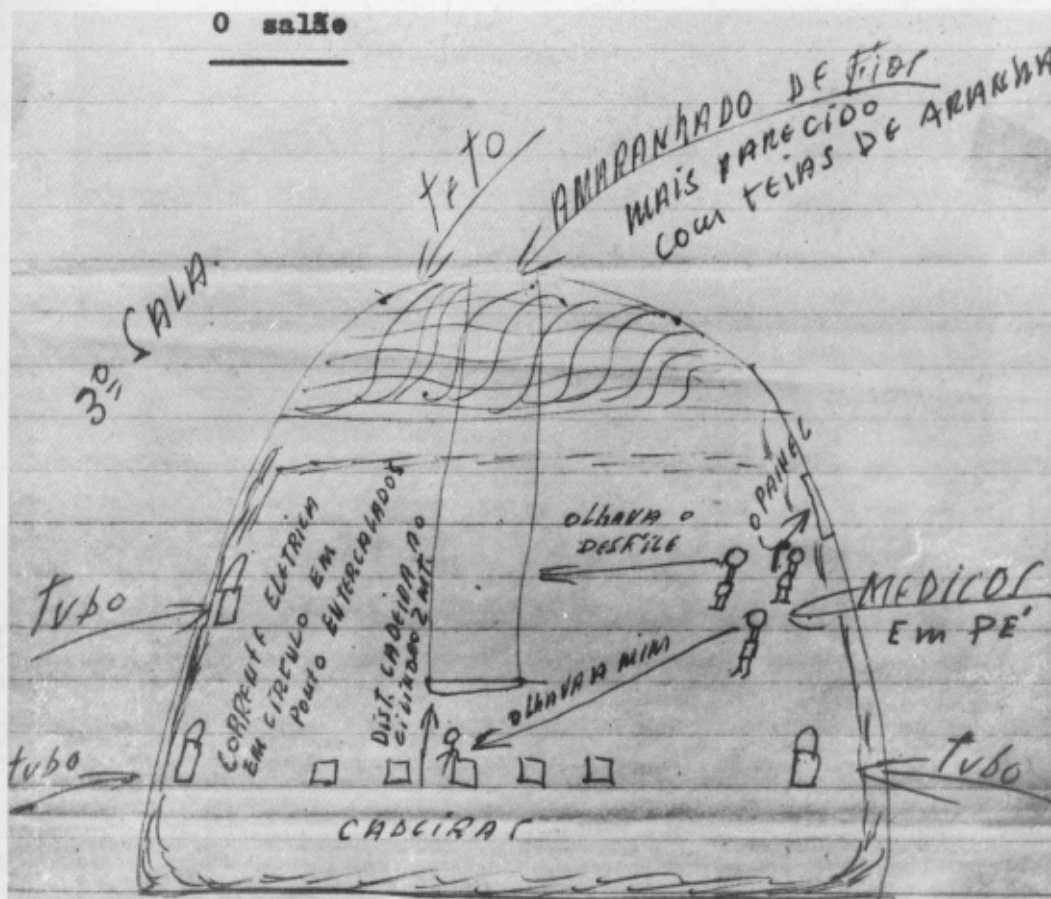


Fig. 8. Desenho de Onilson — 3ª sala ("salão") do DV, no seu 2º caso — Item nº 4C.



CIPEX e GENA
2004



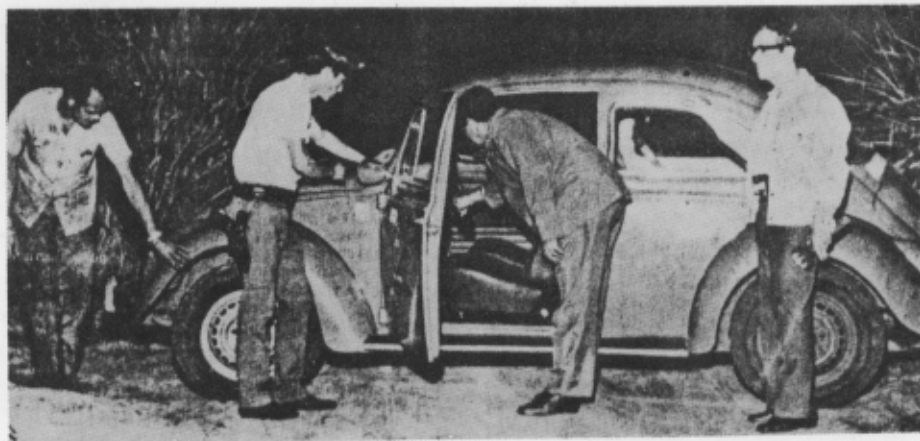
Fig. 14. Sr. Cesar Menelli apontando o morro (seta) de onde vieram os gritos de Onilson — Item nº 4C.



Fig. 17. Foto do "Jornal da Cidade" (Baurú — 15/05/74) — Da dir. para a esq.: Dr. Max Berezovsky, Dr. Walter Buhler (SBEDV), Onilson Paterno, Prof. Guilherme Wirz e Prof. Charalombe Kiriakakis — Ufologistas reunidos em Catanduva, em 11/05/74, para pesquisar o 2º caso de Onilson.



Fig. 15. Onilson — Estado de sua barba ao aparecer em Colatina — Itens nºs 4E, 6.



O Volks do livreiro, intacto e com documentos, estava à margem da rodovia. O dono foi parar no Espírito Santo, sem saber como.

Sequestro de livreiro é atribuído a disco-voador

O delegado Hermínio José Theodoro, de Pirajuí, deslocou-se ontem à tarde para Guarantã a fim de atender um caso bastante estranho: o vendedor de livros Onilson Pattero, de 42 anos, teria sido sequestrado nas proximidades e conduzido ao Estado do Espírito Santo, por um disco voador!

A história com a descoberta, perto da rodovia, do automóvel Volkswagen de Onilson. Tudo estava em ordem no carro, mas o motorista lá não se encontra-

va. Quando os parentes já temiam que ele tivesse sido assassinado, veio notícia de Colatina - Espírito Santo: o homem estava lá, hospitalizado, e afirmava que homenzarrões de um disco voador tinham-no sequestrado. Esta é, aliás, a segunda vez que Onilson se envolve com discos voadores.

As autoridades policiais investigam o caso, cujas particularidades são realmente misteriosas. (Página 9).

Fig. 12. Foto do "Jornal da Cidade" (Baurú - 03/05/74) - Vistoria do carro de Onilson, abandonado em Guarantã - Itens nºs 4D e 4E.



Fig. 13. Da esq. para a dir.: Sr. Otto Aurich, Sr. Cesar Menelli e seu filho, quando este voltava da pesquisa no morro onde Onilson teria aterrissado - Item nº 4F.

CIPEX e GENA
2004



Fig. 16. Desenho de Inocêncio Corrêa DV que em 15/05/73 apareceu sobre o seu curral, em Catanduva - Itens nºs 4A, 5 e 6.



Fig. 18. Onilson e Otto Gibbs Olivatti (seta), na presença deste, em Pindorama (SP), quando entrevistados pela SBEDV, em 11/02/75 - Item nº 6n.

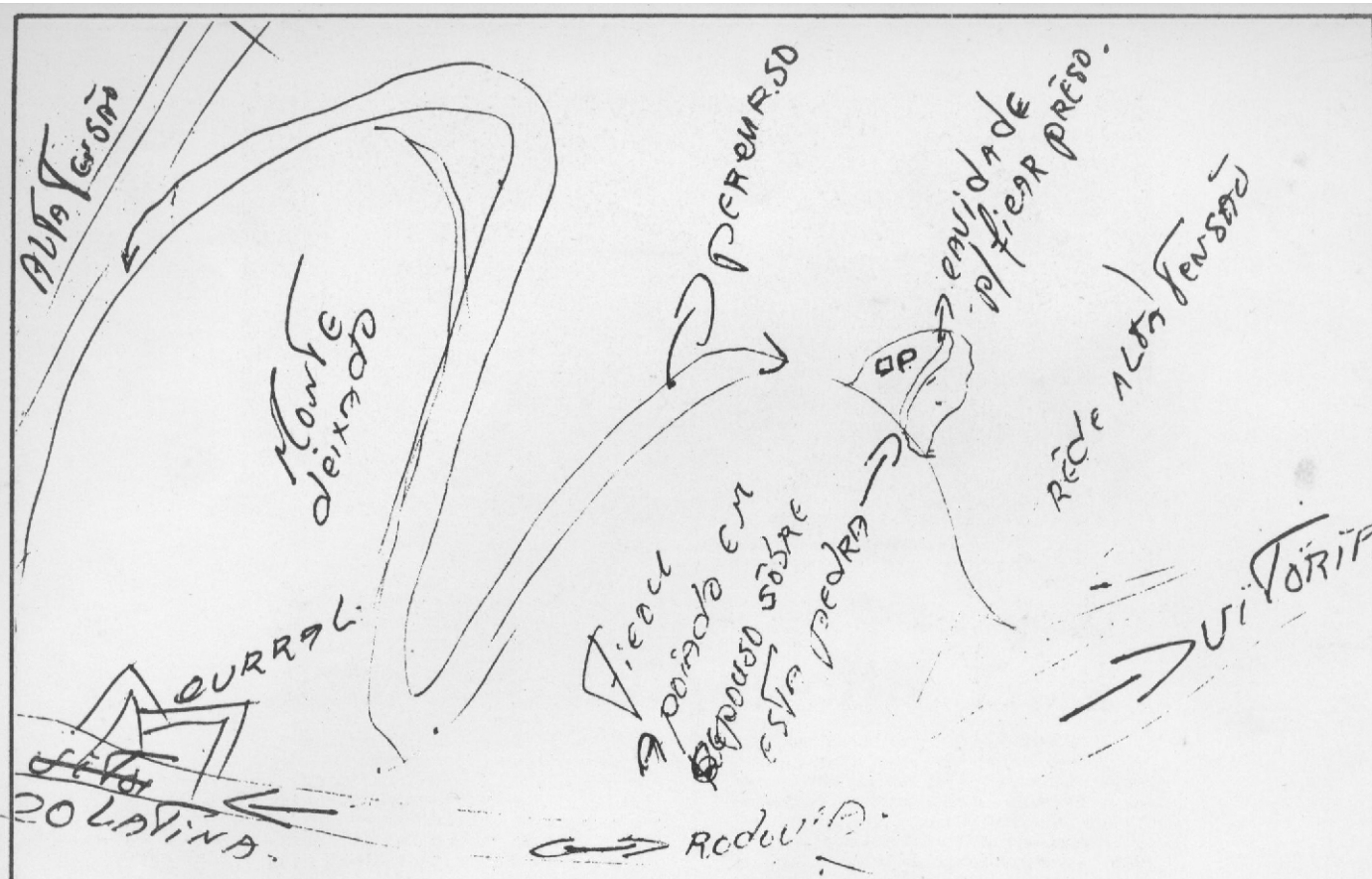


Fig. 9. Desenho de Onilson — O caminho de descida, com os altos e baixos, na fazenda Catuá — Itens nºs 4C e 4F.

Hoje 11/2/75

CIPEX e GENA
2004

reunidos na casa do L.
Otto Gibe Olivatti e

9 horas da manhã em
Pindorama, na rua
75 de Novembro 1016

Ficamos sabendo pelo
relato do Sr. Otto Gibe
que não esteve presente
em nenhuma das duas

Fig. 19. Declaração do Sr. Otto Gibbs Olivatti, assinada por ele e pelas testemunhas Onilson Paterno e Dr. Walter Karl Buhler. É um desmentido aos rumores que em São Paulo tentaram abalar a credibilidade sobre o 2º caso de Onilson — Item nº 6n.

Viajamos de Onilson Paterno, dia
(Vinte e um) (Vinte e dois)
21 para dia 22 de maio 73, respectivamente
dia 26 de abril 74 (Vinte e seis) e
abril 74) e por ser isso verdade de
a 55 anos
Otto Gibbs Olivatti
Testemunhas: Walter K. Buhler

ÍNDICE

	PÁG.
1. CONSTITUIÇÃO DA DIRETORIA	1
2. CONVERSA COM O LEITOR	1
3. MORFOLOGIA DOS TRIPULANTES DE DV	2
4. O 2º CASO DE ONÍLSON PATERO	2
4A – RESUMO DO 1º CASO	2
4B – ROTEIRO DA APRESENTAÇÃO DO 2º CASO	3
4C – O RELATO DE ONÍLSON, DO 2º CASO	4
4D – AS PESQUISAS DA FAMÍLIA PATERO	6
4E – PESQUISAS DA SBEDV, EM GUARANTÃ	7
4F – PESQUISAS DA SBEDV, EM COLATINA	7
4G – APÊNDICE	8
5. OUTROS RELATOS SOBRE DV NA REGIÃO DE CATANDUVA	8
6. A CREDIBILIDADE DE UMA TESTEMUNHA	10
7. TRIPULANTES DE DV TESTAM SOCIEDADE TERRESTRE?	12
8. A HIPNOSE NA UFOLOGIA	14
9. A HIPNOSE DE ONÍLSON PATERO	17
9A – INTRODUÇÃO	17
9B – DESCRIÇÃO	17
9C – DISCUSSÃO	18
10. A HIPNOSE DE BENEDITO MIRANDA	18
10A – INTRODUÇÃO	18
10B – DESCRIÇÃO	19
10C – DISCUSSÃO	24
11. LISTA DE LIVROS E REVISTAS	25
12. ENGLISH SUMMARY	26

OBS: AS FIGURAS, REPRESENTADAS NAS PÁGINAS ANTERIORES, ESTÃO FORA DE ORDEM NUMÉRICA POR RAZÃO DE PAGINAÇÃO.

COMPONENTES ELEITOS PARA O BIÊNIO 75/76

No dia 8-2-75, às 11hs. realizou-se uma Assembléia Geral Extraordinária, na qual houve a eleição da Diretoria aqui referida. A convocação foi feita por anúncios no Diário Oficial de 15-1-75, sob o nº 02023, e também na Gazeta de Notícias, na mesma data.

Presidente:	Dr. Walter Karl Buhler
Vice-Presidente:	Sr. Orlando Teixeira Fernandes
Secretário:	Dr. Guilherme Pereira
Tesoureiro:	Prof. José Fortunato Pinto
Conselho Fiscal:	Dna. Amanda Alves Pinto, Sr. José de Alencar; Sr. Wilson Teixeira.
Suplentes do Conselho Fiscal:	Sr. Almiro Baraúna; Sr. Francisco Sá Borges; Sr. Otto Erwin Glueck.

Cumprimos o doloroso dever de comunicar o falecimento da nossa Conselheira Fiscal, Dra. Helena Paes de Oliveira, grande entusiasta do assunto **Disco Voador**, e que nos prestou diversas colaborações.

Dra. Helena era diplomada em Farmácia, com pós-graduação em Microbiologia e tendo se especializado no estudo sobre peixes.

A Família enlutada, os sinceros sentimentos da Diretoria da S.B.E.D.V.

2 - CONVERSA COM O LEITOR

RETROSPECTO

A ufologia — palavra com que se convencionou designar o estudo do fenômeno DV — está conseqüentemente ligada a pesquisa de um dos problemas de maior atualidade e importância, pelas implicações de ordem tecnológica e cultural que um maior conhecimento de uma nova civilização trará evidentemente à nossa coletividade.

Apesar disto nada se tem feito. O correto seria propiciar meios de tornar conhecido o assunto, ou mesmo tentar conhecer a técnica desses aparelhos e eventual aproximação com seus estranhos tripulantes, ao menos por curiosidade.

E aqueles que encaram o problema com seriedade e honestidade são freqüentemente taxados de mistificadores, visionários e até de mentirosos ou malucos.

Mas sempre que o homem tentou inovar ou descobrir algo, pagou muito caro por enxergar aquilo que outros não conseguiram vislumbrar. Lembremos de Santos Dumont (avição), Galvani (eletricidade), Pasteur (medicina), Monteiro Lobato (petróleo no Brasil), Galileu, Copérnico e tantos outros. . .

O PRESENTE

Chegou ao nosso conhecimento que, recentemente (em 18.10.74), a conhecida TV Tupi de S. Paulo apresentou num de seus programas uma entrevista, sobre Discos Voadores, onde se falou sobre seus tripulantes e suas intenções pacíficas, de um modo geral, nas suas viagens exploratórias à Terra. Dessa entrevista participaram os elementos mais conhecedores do assunto naquela cidade. Como temos dito, os estudiosos dos Discos Voadores orientam suas pesquisas em sentidos contrários, visto que um grupo opinou pelo estudo aberto do assunto, e outro, pelo seu tratamento sigiloso. Este último grupo chamáramos também de político, porque, ao que sabemos, está ligado a grupos oficiais ou oficiais.

A equipe que participou dessa entrevista naquela TV, ao que sabemos, pertence a este último grupo e seu pronunciamento constitui, a nosso ver, uma evolução na maneira de encarar o problema DV. A propósito, lembramo-nos de um Congresso realizado em S. Paulo, há alguns anos, e no qual alguns congressistas defenderam a tese de que tripulantes de DV vinham à Terra em missão de paz. Logo após, um órgão da imprensa local taxou esses congressistas de "maníacos do DV, ignorantes e mistificadores medievais".

Esta mudança tão radical sugere uma reviravolta da própria política dos altos escalões ufológicos. Isto, talvez, para evitar uma erosão definitiva na credibilidade dos governos que, até agora, negaram a existência dos seres extraterrestres e de seus veículos — os DV. Neste sentido se manifestou órgão especializado da imprensa norte-americana, que ofereceu 20.000 dólares a pessoas "qualificadas que se dispusessem a lhe prestar colaboração ufológica pelo prazo de 12 meses" (APRO — Boletim Maio/Junho de 1974).

Sempre nos manifestamos favoravelmente à pesquisa aberta, por considerá-la não só mais fácil de ser realizada como por que todos se tornam conhecedores do assunto e participantes dos novos rumos que, por certo, os conhecimentos sobre os DV trarão à humanidade. Talvez, até, que as guerras do Vietnam, a batalha da Bahia dos Porcos, em Cuba, e, agora, o desafio do petróleo, não tivessem acontecido, se isto já se viesse realizando há tempos.

Ainda bem que não nos cabe julgar aqueles que pensam e agem de maneira diferente.

Finalmente, vale assinalar que a pesquisa ufológica tem evoluído a partir da época em que o assunto passou a ocupar a atenção do mundo. Os debates se iniciaram pela negação da existência dos DV, sua natureza extraterrestre, seus tripulantes, e, finalmente, do seu aspecto humanóide ou humano. Isto representa, a nosso ver, uma aceitação do assunto, em escala correspondente.

Nossas previsões coincidem como as notícias que nos chegam da Europa e de fontes diferentes: dentro de um período de aproximadamente 3 anos, haverá mudança radical na maneira de encarar o problema. Teremos, então, uma nova era na qual, esperamos, sejam recuperados todos os benefícios que a pesquisa confidencial, durante anos, impediu que se tornassem conhecidos de grande maioria dos cidadãos do nosso mundo.

AINDA A RESPEITO DA MORFOLOGIA DOS EXTRATERRESTRES

Nos Boletins 90/93 — pág. 4 e 94/98 — pág. 1 e 2, estudamos uma vez mais a morfologia dos extraterrestres, para que nossos leitores se identifiquem sempre mais com os resultados de nossas pesquisas, ou dissipem dúvidas por acaso existentes.

Completando, apresentaremos oportunamente, num Boletim Especial, cerca de 40 casos estudados pela SBEDV e outras sociedades co-irmãs brasileiras. Foi um estudo que muito exigiu de nós e que, a nosso ver, bem mereceria edição em forma de livro, o que, no momento, pelas dificuldades materiais insuperáveis, foge ao alcance da SBEDV.

No entanto, o leitor encontrará no presente Boletim (itens 3 e 7) resumos de trechos referentes a alguns aspectos deste estudo.

A PESQUISA "CIENTÍFICA" DO ASSUNTO DV

No campo ufológico, a pesquisa dita confidencial ou política se tem recusado a aceitar fatos ufológicos alegando que eles não resistiriam a uma "pesquisa científica". Assim, se procura estabelecer confusão naquela coleta de dados (honestas e quase sempre muito trabalhosa). Também tem havido distorção intencional sob o rótulo de "comprovação científica" — o que sabemos ain-

da está no campo da utopia. Tudo isso com o fim premeditado de esvair o assunto.

Vamos raciocinar: para realizar esta "pesquisa científica" seria necessário capturar um DV, desmontá-lo, analisar o seu funcionamento, reconstituí-lo, para que, então, pudéssemos tripular o aparelho e, se possível, nele nos dirigirmos ao seu planeta de origem. No retorno e em contrapartida, traríamos seres extra-terrestres (humanóides ou humanos) e, assim, talvez tivéssemos adquirido aquele conhecimento necessário à difusão do assunto entre nós.

Mas, isto não é possível, porque não podemos dominar uma tecnologia muitíssimo superior à nossa.

O que nos é possível fazer neste campo é a coleta paciente e criteriosa de dados, conforme o que apresentamos neste Boletim, em referência ao 2º episódio ufológico de Onilson Patero, da cidade de Catanduva, S. Paulo (Ver itens nºs 4 e 6).

É importante que se faça realçar a discussão e apresentação de técnicas de pesquisa, em congressos ufológicos, o que sempre acontece. O nosso companheiro do CICOANI (de Belo Horizonte), prof. Hulvio Brant Aleixo, é quem até hoje tem feito mais neste sentido. Entendemos que seus trabalhos devam tornar-se difundidos entre a nova geração da pesquisa ufológica.

ALARGAMENTO DOS QUADROS DE PESQUISA

Como notícia auspiciosa para os ufólogos brasileiros, comunicamos a fundação dos seguintes novos centros de pesquisa:

SACIPE - Soc. Alegretense de Ciência e Pesquisa - R. dos Andradas, 793 - 97.600 - Alegrete-RS.
Presidente: Sr. Rui Neves da Rosa.

CECI - Centro Espacial Científico "Cezar Lattes" - Caixa Postal 368 - 16.100 - Araçatuba-SP.
Presidente: Sr. Iranilson A. da Silva

C E U - Centro de Expansão Universal - Av. Carlos Gomes, 531 aptº 321 - Petrópolis - 90.000 - Porto Alegre-RS.
Presidente: Sr. Flamarion Goulart Oliveira.

C N E - Clube Nova Era - Av. João Pessoa, 741 - 90.000 - Porto Alegre-RS.
Presidente: Sr. Carlos A. Ducatti.

3 - MORFOLOGIA DOS TRIPULANTES DE DISCOS VOADORES

Artigo que faz parte de um estudo mais complexo a ser publicado no futuro.

No Boletim SBEDV nº 94/98, pág. 1, foram lembrados 5 casos de tripulantes que no seu aspecto morfológico identificaram-se perfeitamente com o tipo humano terrestre. Entrementes, foi feito adicionalmente um levantamento dos casos de tripulantes, vistos aqui no Brasil, desde 1956, e entre eles foram escolhidos 40 casos examinados por uma, ou várias Sociedades Ufológicas existentes no país.

A CREDIBILIDADE da testemunha ficou reforçada em 25% porquanto em 12 casos foi o fato observado por 3 ou mais testemunhas ao mesmo tempo, conforme pode ser visto na tabela seguinte.

nº de testemunhas	1	2	3	4	5	ou mais	muitos
nº de casos	27	1	8	-	3		1

OS PORMENORES DA MORFOLOGIA dos tripulantes não foi possível observar em 16 casos, devido à distância que separava o observador do tripulante, à hora noturna da observação

ou impossibilidade de ver as feições do tripulante (que usava máscara indecifrável). Assim, só nos restaram 24 casos para a classificação (fig. nº 1).

OS TIPOS "EXTRITAMENTE HUMANOS" foram observados em 15 espécimens (entre os 24 casos "reconhecíveis"), sendo 9 do tamanho "estritamente terrestre" (tamanho de 1,5 a 1,8 m), enquanto 5 eram menores que 1,5 m (em dois casos viram-se tripulantes de 70 a 80 cm de altura: casos de Garanhuns e Canhotinho, no Estado de Pernambuco, vistos respectivamente nos nºs 19 e 31 da fig. nº 1). O tipo de tripulante com altura maior que a da média terrestre é representado pelo caso nº 21 (fig. nº 1) e visto em São Sebastião pelo professor Dr. João de Freitas Guimarães.

OS 9 CASOS DE TIPOS "APENAS SEMELHANTES" AO DO HOMEM TERRESTRE (humanóide - interplanetarius) poderiam ganhar o cognome conforme a sua peculiaridade morfológica. Assim, teríamos: "Cyclopicus", o tripulante com um olho único, visto em Belo Horizonte no bairro Sagrada Família (estudado pelo CICOANI) - "Assymmetricus", o tripulante visto por Tiago Machado e por Luiz Flozinho de Oliveira, em Pirassununga, com implantação assimétrica dos olhos na face (veja respectivamente os casos 20 e 35, na fig. nº 1) - "Glabrus-bidigitus", o tripulante sem pelos e tendo somente dois dedos largos e tendinosos nas mãos e pés (caso nº 23, fig. nº 1).

Até agora, todas as observações no Brasil, já divulgadas, referem-se a tripulantes do tipo "hominídes". Não se conhece que tenha havido avistamentos de tipos alados (pertencentes aos mamíferos - conforme os morcegos, ou aos plumados - conforme as aves).

OBS: Há notícias de que, no estrangeiro, já foram avistados tipos alados.

CIPEX e GENA
2004

2º CASO

4 - O 2º CASO DE ONILSON PATERO 26-ABR-74

4A - RESUMO DO 1º CASO

Sob o título "O Caso do Automóvel que ficou transparente", consta no Boletim SBEDV nº 94/98, pág. 30 a 39, o relato de duas interceptações de Onilson com o seu automóvel, quando estava em estradas de rodagem no Estado de São Paulo, perto de Catanduva, em viagem de negócios. Antes de relatar, como prometido neste Boletim, o 2º episódio ufológico de Onilson, já com os pormenores, vamos primeiro recapitular para o nosso leitor alguns dos pontos de maior destaque do seu 1º episódio com um DV.

Na chuvosa noite de 21 para 22 de maio de 1973, um guarda rodoviário achou Onilson estendido de bruços, na estrada ligando as cidades de Itajobi e Catanduva, (fig. 2 seta simples), ao lado do seu automóvel, em alta madrugada, aproximadamente às 5 horas, conforme relato de pessoas que pouco antes haviam passado por ali. Entretanto, quando tocado pelas mãos do guarda, Onilson levantou-se de um salto e procurou correr.

Instado, relatou então ao guarda uma série de interferências de luzes, que, antes das 3 horas, vinha sofrendo na direção de seu carro, quando se dirigia para casa em Catanduva. Finalmente, essas luzes acabaram obrigando-o a parar no acostamento da estrada, avistando logo a seguir um DV por perto e a baixa altura. Depois de presenciar diversas manobras do DV, resolveu fugir a pé, correndo algumas dezenas de metros (ver fig. 3 "desenho falado", do jornal local).

A seguir, sentiu-se obstado em sua fuga por uma força qualquer, e olhando para trás para averiguação, percebeu que seu carro ficara todo transparente, aparentemente por um raio emitido pelo DV. Desse momento em diante Onilson não teve mais lembranças, pensando ele ter sofrido um desmaio do qual só voltou à sua consciência na presença do guarda rodoviário.

Nas horas e semanas seguintes, as pessoas que se acercaram de Onílson observaram alguns fenômenos estranhos (itens 1º a 5º), assinalados adiante, em conjunto com outros fenômenos que só ele mesmo tinha presenciado (itens 6º a 9º), ou que a pesquisadora descobriu em Catanduva e arredores (itens 7º, 8º e 9º). Embora os itens 3º, 4º e 5º fossem de natureza objetiva, os dois últimos itens poderiam ter a sua explicação talvez por fenômenos psicossomáticos. Entretanto, os fenômenos 3º, 7º e 8º independem completamente de um psicossomatismo, e realmente serviriam para coadjuvantes na comprovação da realidade do 1º encontro de Onílson com um DV.

CIPEX e GENA 2004

- 1º - Onílson não estava a 25 m do seu carro onde disse ter sofrido o desmaio; o guarda rodoviário achou-o a somente 5 m do carro.
- 2º - Embora Onílson assegurasse, ao guarda, ter deixado fechada a sua pasta no carro, esta foi achada de fecho aberto, e embora não faltasse nada, todo o seu conteúdo estava espalhado no interior, com o mapa rodoviário colocado aberto e no chão, à frente do carro.
- 3º - Levado ao hospital ficou constatado que a blusa estava seca enquanto que o resto da roupa, completamente encharcada.
- 4º - A esposa de Onílson percebeu que o cabelo dele escurecera durante o episódio, só voltando à sua antiga cor castanha, gradualmente, nos dias a seguir.
- 5º - Logo após o episódio apareceu um prurido na pele do tronco de Onílson, e nos dias seguintes apareceram efusões petequiformes que tomaram o seu rumo com a absorção gradual do sangue e mudança de coloração, do vermelho, para roxo, azul, verde e amarelo, desaparecendo nas semanas seguintes.
- 6º - Onílson ainda relatou que, poucos minutos antes do deflagramento do episódio, havia deixado, um desconhecido companheiro e carona de viagem, no meio da praça da cidade de Itajobi, tendo o mesmo demonstrado uma extraordinária memória. O desconhecido recusou o cigarro de Onílson, embora sempre segurasse, perto de si, pela mão, aquilo que a Onílson parecia ser um invólucro metálico amarelo de um maço de cigarros. Pesquisas posteriores demonstraram que em Itajobi ninguém conhecia pessoa com as características do forasteiro.
- 7º - Sete dias antes do episódio de Onílson, foi visto por três pessoas um DV de forma exótica (item 5 b), a baixa altura e durante vários minutos, sobre um curral, perto do trevo da estrada de Catanduva. Naquele dia o gado ficou intranquilo, diminuindo o leite em cerca de 50%.
- 8º - No dia do 1º episódio, no bairro Santa Cruz, em S. José do Rio Preto, cidade vizinha de Catanduva, foi visto a uns 50 m de altura um DV com "ruído de turbinas". (Notícia segundo a Folha de S. Paulo de 9/6/73).
- 9º - Seis anos antes do 1º episódio ufológico de Onílson, na cidade vizinha de Catanduva, uma pessoa de responsabilidade viu à noite um tripulante perto de um DV. Na ocasião, assustado e desconfiado, fez fogo com a sua arma 6 vezes em direção do estranho personagem (item 5 a).
- 10º - Onze meses e 4 dias depois do seu 1º episódio, Onílson teve, então, um 2º encontro (com o DV), que será relatado a seguir.

PROBLEMAS DE "ESPAÇO-TEMPO" OU DE "MEMÓRIA"?

Houve um intervalo de tempo no desaparecimento de Onílson, pois seu carro foi achado abandonado e ele reapareceu a uns 900 Km de distância, 6 dias e 4 horas depois. Isto não constitui fato novo na ufologia brasileira, onde já contamos com casos de afastamento terrestre e contato prolongado com extraterrestres (durante horas em 3 casos: Vila Operária, Vilas Boas e seqüestro em Sarandi; e durante dias ou mais tempo nos 4 casos seguintes: Mário Restier, Artur Berlet, Caso Bebedouro e Antonio Rossi).

A grande diferença no caso de Onílson é que ele só tem lembrança de uma fração de tempo em que esteve com os extraterrestres (aproximadamente 10 minutos), sendo todo o resto encoberto pela amnésia. Mesmo o médico hipnólogo, Dr. Sylvio Lago, encontrou grandes obstáculos para levantar este véu (item nº 9), e portanto nada concluiu a este respeito.

OS DIVERSOS PLANOS ONDE SE DESENVOLVERAM AS AÇÕES

Inicialmente houve um plano extraterrestre que, para Onílson desenvolveu-se em 6 dias (ler item 4C). Depois de achado o carro abandonado perto de Guarantã (ver seta dupla na fig. nº 2), desenvolveram-se outras ações, em plano terrestre. Como por exemplo, citamos as pesquisas da família Paterno, nas fazendas e cidades que ladeiam a rodovia Catanduva-Marília (ver fig. nº 2), conforme relatado no item nº 4D.

Com o reaparecimento de Onílson, em Colatina, a 900 km de distância de Guarantã, além da família do próprio, mobilizou-se parte da ufologia (representada pela SBEDV) para pesquisar os dois fatos inusitados (o desaparecimento de Onílson em Guarantã e o seu reaparecimento em Colatina). Ler relatos nos itens nºs 4D, 4E e 4F.

Recomendamos que o leitor volte a consultar o mapa da fig. nº 2, onde estão assinalados os dois episódios ufológicos de Onílson (com seta simples o primeiro, perto de Itajobi; com seta dupla o segundo, perto de Guarantã). Ao longo da rota Catanduva-Marília, situada ao norte do Estado de São Paulo, no meio de outras oito cidades (contando com São Francisco de Sales, do caso de A.V.B., seriam nove), pesquisamos 11 casos de aparecimento de tripulantes, um de robô e um de artefato extraterrestre-teleguiado. Então aflora a pergunta sobre a significância desta região, para os extraterrestres, nos últimos anos.

Este problema foi considerado no item nº 7 ("Tripulantes de DV testam sociedade terrestre"?), no qual tentamos explicar alguns fatos estranhos encontrados nos episódios de Onílson, como, por exemplo, o fato de ter sido ele localizado pelo DV à noite e em estradas desertas.

Houve acontecimentos esquisitos, como por exemplo o fato de Onílson ter visto, dentro do DV, uma figura igual à sua própria pessoa. Isto é capaz de desorientar um ufologista ortodoxo, que queira aferir a verdade dos fenômenos ufológicos à custa de explicações dentro da nossa própria tecnologia, o que é impossível, por ser a nossa de um nível inferior à extraterrestre. Na maioria das vezes, entretanto, estes argumentos são criados artificialmente, pela intervenção da política que ainda não tolera um estudo de toda a verdade ufológica, jogando então o descrédito sobre a testemunha de um evento ufológico.

Abrimos então um item à parte, de nº 6, onde é discutida a credibilidade de uma testemunha ufológica, dando ênfase especial para o caso de Onílson.

Se de um lado, uma testemunha ufológica é alvo de críticas e ridículo, por outro lado, constitui ela uma atração para aquelas pessoas que também já viveram um evento semelhante, mas que não tiveram coragem de vir à público, a fim de fornecer o seu

testemunho à sua comunidade (como seria o certo em assunto de suma importância). Para aliviar então as suas consciências, procuraram confidenciar com pessoas de experiência semelhante porém de mais coragem, como representada aqui no caso por Onílson. Assim soubemos, por intermédio de Onílson, de cinco episódios ufológicos que aconteceram nos arredores de Catanduva, antes do primeiro episódio de Onílson, dos quais conseguimos três, relatados no item nº 5.

4C — O RELATO DE ONÍLSON, DO 2º CASO

No dia 26 de abril de 1974, Onílson avisou à sua esposa, D. Lourdes, que ia almoçar mais cedo, pois sairia a negócios para a cidade Júlio de Mesquita (aproximadamente a 160 km de Catanduva). E assim partiu às 12h30m. Ver o mapa na fig. nº 2.

Chegando em Júlio de Mesquita às 15h, não encontrou o prefeito com quem, conforme combinação prévia trataria, às 15h30m, da venda de uma biblioteca para a cidade. Onílson é representante da firma especializada no ramo.

O prefeito, Antonio (Xavier?) Soares, só chegou às 17h30m e não resolveu a compra, alegando que primeiro teria de escutar a opinião do fiscal de ensino, na cidade vizinha (Marília). Onílson, ao invés de telefonar para o prefeito 4 dias mais tarde, conforme o combinado, resolveu ele mesmo tirar isso a limpo, uma vez que se achava tão perto de Marília (a uns 30 km), para onde seguiu então. Lá, não encontrou sorte melhor, pois o fiscal de ensino estava ausente. Então, fez um lanche ligeiro e iniciou o caminho de volta — às 22h30m.

Devemos ainda informar ao leitor que Onílson, depois do 1º episódio, vendera o carro Opala já há uns 8 meses, e adquirira um carro Volks de cor azul. Eram aproximadamente 23h30m, faltando ainda uns 15 km até a cidade de Guarantã e a 120 km de Catanduva. Alcançou então o local onde a linha de alta tensão (o "linhão" — ver fig. 4) da Companhia de Eletricidade de São Paulo cruza a estrada aproximadamente em ângulo reto. Distava ainda uns 200 m da linha elétrica quando Onílson pôde observar uma luminosidade azulada correr ao longo dos fios condutores (Obs.: da SBEDV: ionização do ar?).

O motor do seu carro começou a ratear. Quando adicionalmente viu pela frente o filete da luz azul intensa, lembrou-se da interceptação do seu carro no 1º episódio.

Dessa vez, resolveu fugir para não passar por nova e enervante aventura. Porém, não chegou a executar a fuga dada a rapidez dos acontecimentos delineados a seguir:

- 1º — o motor do seu carro parou logo e de vez.
- 2º — o embalo do qual o carro ainda estava possuído, usou-o para andar uns 10 m, conseguindo chegar ao acostamento da estrada.
- 3º — ao parar o carro, deparou com o DV, que lhe parecia do mesmo tipo entretanto maior do que aquele do 1º episódio e estava a uns 10 ou 15 m de distância. O formato era o de duas bacias justapostas, e havia um cilindro de 3 a 4 m de comprimento e que nascia da parte inferior do DV e se estendia para baixo, em direção vertical. A extremidade inferior do cilindro ficou a uns 7m do chão. O automóvel estava a uns 7 m contados na horizontal, a partir da vertical do citado cilindro.

A CAPTURA

- 4º — tratou de fugir imediatamente e abriu a porta do carro, mas não chegou a pisar no chão como pretendia.
- 5º — é que, naquele justo momento, como percebera tardiamente, saíra do cilindro, em sua direção, uma esteira de aproximadamente 50cm de largura, flexível,

na qual havia pisado no afã de iniciar a sua fuga. Essa esteira como se deu conta depois, foi sendo recolhida imediatamente junto com ele e teve a impressão de que foi sendo introduzido no cilindro. Logo a seguir, sem saber como, foi introduzido, através o cilindro, no centro de uma sala de formato elíptico.

CIPEX e GENA
2004

A RECEPÇÃO

DIA 21/22-5-73

Dentro desta sala, a uns 3 a 4m, viu a figura do moço que levava de carona em seu carro na noite do 1º episódio e que se dizia chamar Alex. Vestia-se com o mesmo blusão da outra ocasião, mas agora, todo sorridente, adiantou-se estendendo-lhe a mão. Depois colocou ambas as mãos em seus ombros dizendo: "Controle-se, Onílson; nada (de ruim) vai lhe acontecer". O fato estranho foi que ouvia perfeitamente as palavras do moço, mas quando a este foi responder, não ouvia nenhum dos sons que a sua boca normalmente haveria de produzir.

O AMBIENTE DA PRIMEIRA SALA

No meio da sala havia uma grande luminosidade azul, que aparentemente vinha do teto (a uns 3,5m de altura), em forma de cúpula, onde se viam muitos fios cruzando-se, conforme teia de aranha, em 3 a 4 camadas.

Ao longo da parede da sala, à altura aproximada de 1m do piso, destacava-se, em circunferência, uma luz azulada.

O moço pediu a Onílson para que sentasse numa cadeira de costas altas e que tinha assento fofo, parecendo borracha (ver fig. 5 — desenho de Onílson).

NA 2ª SALA

Não sabe quanto tempo teria ficado na primeira sala, pois ali só teve consciência durante 1 a 2 minutos. A lembrança lhe voltou de novo quando já se achava em outra sala, semelhante à primeira. Havia fios no teto, porém pela parede se dispunha em circunferência um tubo de metal brilhante, de uns 30 cm de espessura. Também havia luzes dispostas em circunferência, paralelamente à do referido tubo e aproximadamente a 1 palmo acima deste. Além disso, havia na parede uns 3 a 4 pontos luminosos que costumavam apagar-se do mesmo modo como se vê numa tela de TV ao ser este desligado (ver fig. 6A — desenho de Onílson).

Nesta sala estava Alex, que lhe pediu para tirar a roupa e vestir outra e por ele foi ajudado. A roupa era de uma fazenda que parecia ser feita de fios metálicos, com aspecto de nylon de brilho fosco, e que o cobria até os pés. Onílson ouvia as explicações de Alex porém não podia ouvir as suas próprias perguntas. A roupa ajustava-se ao seu corpo e por dentro sentia-a macia. Não sabe se havia fios que ligassem a roupa à parede.

Viu ainda na parede uma janela de aproximadamente 1,5m de comprimento por 60cm de largura e através dela notou à distância de 5 a 6m, no compartimento contíguo, o movimento de pessoas que pareciam sentadas em cadeiras, pois só as via até à cintura. (ver fig. 6A e 6B). As cadeiras pareciam motorizadas ou então seriam carrinhos, pois essas pessoas se movimentavam conservando os seus corpos imóveis, o que já não aconteceria se estivessem andando com os seus próprios pés. As pessoas, que no máximo eram três juntas para o seu campo visual, estavam ora de frente, ora de lado, e cobertas por capuzes que se constituíam num prolongamento da própria roupa que vestiam.

OBS: A propósito da presença de extraterrestres encapuçados, na 2ª sala e no "salão" descritos por Onílson, citamos a revista "Flying Saucer Review" (julho / agosto de 1972). Ali, à pág. 23, foi descrita a presença de entidades semelhantes, perto da cidade de

UMA ESTRANHA MANOBRA

Alex, ao dizer "você vai ver uma manobra", passou a sua mão em um local da parede, onde, em seguida, apareceu um visor de uns 40 cm de largura, permitindo visão para fora do DV. Onílson recebeu então um capacete para colocar na cabeça, fechado na parte do pescoço mas sem provocar falta de ar. O capacete possuía um visor na frente e Onílson teve a impressão de que quando este lhe foi colocado na cabeça acabou por ver melhor e para mais longe, distinguindo perfeitamente a paisagem. Não sabia se era dia ou noite lá fora, mas distinguiu um vale, onde havia uma cidade que lhe parecia do tipo europeu, pois consistia de casas com telhados altos e bem inclinados e também parecia haver torres de igrejas.

Distante da cidade e, talvez a uns 2.000m dela, viu surgir do solo uma formação em forma de ovo de 4 a 5 m de largura que, acompanhada de uma nuvem branca, elevou-se nos ares e aproximou-se do local onde estava Onílson. (ver fig. 6-A — desenho da testemunha). Se esse "ovo" entrou no mesmo local onde estava, devia ter sido em outra sala, pois na sua sala nada viu entrar.

Explicou entretanto Alex que "eles" estavam empenhados em retirar da terra certa substância, a qual facilmente manipulada seria fatal para os DV. Esta substância existiria na Terra e forçosamente seria descoberta pelos seus habitantes, mais cedo ou mais tarde. Entrementes, "eles" (os extraterrestres) estavam estudando o assunto, para achar uma defesa, para o futuro, contra a aplicação desta substância, e que neste intento, forçosamente, seriam bem sucedidos

UMA ESTRANHA EXPLICAÇÃO

Alex ainda explicou que, no futuro, esperavam chegar a um entendimento com os terrestres, mas se tal não se realizasse, seria lançado um pó fino, conforme fumaça, que não faria mal nem a uma borboleta (nota da SBEDV: para defesa dos extraterrestres?).

Se necessário... trariam Onílson outra vez... mas desta vez junto com uma pessoa de certo nível hierárquico da Terra.

A URNA

(Obs.: Pedimos ao leitor comparar o parágrafo seguinte com um trecho do Boletim nº 60/61, às págs. 12 a 18, que descreve uma cena muito parecida descrita por Mário Restier, ocorrida há 23 anos atrás, na oportunidade de uma viagem que fez em um DV).

Alex colocou então em Onílson uns braceletes de aspecto metálico, amarelados e opacos, nos pulsos e nos tornozelos, que não o incomodavam. Depois de ter ficado uns 5 minutos nessa 2ª sala, foi colocado numa urna, parecendo de isopor, embutida no piso e onde havia lugar para todo o corpo se acomodar anatomicamente. Não sabe porém quanto tempo ficou nessa urna, pois não se lembra de mais nada. Só sabe que, quando a consciência voltou, já estava novamente vestido com a sua própria roupa e em outro compartimento mais espaçoso, mas sem a presença de Alex.

A DESCRIÇÃO DO 3º COMPARTIMENTO

(Obs.: da SBEDV e de Onílson: Esse compartimento, bem como o anterior, não deviam fazer parte do DV que seqüestrou Onílson, porque não poderiam caber dentro das proporções do DV).

Esse último salão que Onílson lembra ter avistado era em formato semi-cilíndrico tendo diâmetro de 12 a 15m. Achava-se

ele sentado numa cadeira, em fileira de 5 a 6 cadeiras colocadas no meio. Havia ainda à sua frente, no centro, um cilindro metálico brilhante, de uns 40cm de diâmetro, que alcançava o teto do salão e que era de uma altura de uns 10 a 15m. No canto à sua esquerda, nada havia; mas à sua direita estavam em pé 3 pessoas encapuçadas, cujas roupas soltas estendiam-se até os pés. Deviam ter altura regular de 1,70m. Onílson os denominava de "médicos", pelo papel que representavam e que era o seguinte: Uma das figuras estava sentada diante de um ecran. Outro personagem tinha a cabeça voltada para Onílson e o terceiro observava as cenas (enumeradas a seguir) que se desenrolavam no salão, onde no início havia apenas 3 objetos parecidos, no aspecto e dimensões, com os nossos bebedouros (ver fig. nº 8 — desenho de Onílson).

1º — Entrou pelo canto direito (onde se achavam os "médicos", mas sem que lá se vislumbresse nem porta nem corredor) uma pessoa igual a Onílson nos seus mínimos gestos e fisionomia. Seu sósia andou do canto direito para o esquerdo, voltou ao canto de origem, à direita, e mais uma vez se dirigiu para o esquerdo. Porém, parou a uns 3 ou 4m de Onílson, que se levantou aproximando-se até cerca de 1m de distância do personagem e viu no sósia movimento palpebral normal, concluindo-se tratar-se de pessoa viva, possivelmente "produzida" nesse "laboratório". Entretanto, a roupa era diferente: Nesse 2º encontro, o "sósia" apareceu exatamente com a mesma roupa completa (inclusive os óculos) que Onílson vestia na ocasião do 1º contato, 11 meses antes. Quanto a Onílson, no 1º e 2º encontros vestia o mesmo blusão vermelho "bordeau", mas no 2º encontro o resto da roupa era diferente daquela usada no 1º episódio. No que diz respeito aos óculos, Onílson usava-os de aros escuros no 1º encontro, e de aros claros no 2º encontro. O "sósia" (2º encontro) usava os mesmos óculos de aros escuros que Onílson usava no 1º encontro.

O seu "sósia" reassumiu seu pausado andar e acabou por desaparecer do salão, pelo canto esquerdo, de forma ignorada, pois não se via porta nem corredor.

Obs.: da SBEDV: Como hipótese explicativa do aparecimento do "sósia", vamos citar o moderno e recente processo de fotografia a 3 dimensões, usando raio Laser e denominado "holografia". A revista "Modern Photography" — agosto de 1974 — pág. 48/57 — prevê a futura evolução deste processo, se conseguindo projeções a 3 dimensões e em cores, por combinação de 3 hologramas cada um em uma das 3 cores fundamentais. Imaginando um passo à frente nesta evolução, poderemos admitir uma projeção "em série" (como na cinematografia) de tais hologramas coloridos, obtendo-se como resultado uma imagem "real", tal como Onílson viu o seu "sósia" andando à sua frente. A propósito da roupa diferente, usada pelo "sósia", lembremo-nos do 1º encontro ufológico de Onílson (ver o Bol. 94/98): A tal "caixinha de cigarros, metálica, amarela" segura pela mão do carona "Alex", bem poderia ser um aparelho captador da imagem de Onílson, retransmitida à nave distante. Na ocasião do 2º encontro, após o devido processamento da imagem, a mesma poderia ter sido projetada a 3 dimensões, pelos 3 "bebedouros" a que se referiu Onílson. Entretanto, frizemos que isto é apenas uma hipótese, podendo a verdadeira explicação ser outra bem diferente, uma vez que estamos diante de fenômeno que, por enquanto, ainda são transcendentais ao conhecimento científico terrestre, e nada podemos provar a respeito dos mesmos.

CIPEX e GENA
2004

29 - Mais três pessoas desfilaram em seguida, lentamente, da direita para a esquerda, onde acabavam por desaparecer. As três pessoas tinham aspecto de terrestres. Onílson lembrava de já os ter visto antes, não sabendo onde ou em que data. A distância entre um e outro nessa passarela era de uns 2 a 3m. Os dois primeiros eram altos, aparentando uns 50 a 60 anos de idade. O terceiro era baixo, aparentando uns 30 a 40 anos, e usava um blusão.

O DESEMBARQUE

Daquí em diante, depois das cenas citadas (que duraram cerca de 3 minutos), Onílson nada mais lembra do que pudesse ter acontecido com ele no "laboratório". O fato mais próximo do qual se lembra em seguida foi o seu desembarque por meio da esteira, que o colocou suavemente na relva em algum lugar. Era noite, e continuou sentado no chão observando a rápida subida do engenho.

Mas, estranho como possa parecer, a nave desceu mais uma vez, ficando em nível bem inferior ao de Onílson. Este então percebeu que não estava sentado numa planície, mas, de alguma forma, em um morro. Sua primeira idéia foi: "Meu Deus, como estou alto". A nave estacou em nível bem inferior àquele de Onílson. Logo a seguir, a nave tornou a subir, passando por Onílson, e a sua luminosidade perdeu-se nas alturas.

Onílson ficou assim sentado observando a lua, que estava prestes a descer no horizonte. Seu relógio trabalhava; indicava 3h15m. Ao longe, no horizonte, percebia-se uma luminosidade que interpretou como sendo a cidade, já que por baixo dele, à sua frente, ouvia a passagem de caminhões e carros, imaginando corretamente ser uma rodovia. Desta maneira, após terem passados uns 15 minutos, aproximadamente às 3h30m, Onílson começou a descida em direção à estrada.

A DESCIDA DO MORRO E O ENCONTRO COM O FAZENDEIRO

Parece que a descida do morro, com ausência da lua, em terreno de altos e baixos, pedras grandes e pequenas, deve ter desesperado Onílson. Isto foi confirmado pelos gritos de socorro que de vez em quando lançava ao ar, ao longo das 3 horas de descida. A propósito, executou para a SBEDV um tosco desenho do caminho tortuoso (ver fig. nº 9).

Quando alcançou uma pedra maior, já bem em baixo, resolveu descansar pois tinha machucado um pé numa fenda e também estava com uma espécie de cainbra. Enquanto estava assim parado por uns 15 a 20 minutos, começou a cair uma chuva fina, que lhe trouxe ânimo e da qual procurou depois se proteger tomando abrigo embaixo da própria pedra inclinada. Resolveu aí também gravar, na pedra, com o seu canivete, as letras iniciais do seu nome.

Já se iniciava o dia, quando, vencendo os últimos metros de descida, avistou um grupo de pessoas e delas se aproximou, identificando-se e pedindo para ser levado a um rádio-amador ou à Delegacia de Polícia, já que queria se comunicar urgentemente com os seus, faltando-lhe para isso o dinheiro que tinha deixado no seu carro.

Relatou então ao fazendeiro, que soube chamar-se Cesar Menelli, toda a sua odisséia e foi por ele acolhido na sua própria casa onde tomou um banho e mais tarde fez um lanche.

Em vista da colossal repercussão que teve o seu relato, foi atraído um afluxo cada vez maior da população. Para garantir-lhe o necessário sossego que precisava durante a noite, foram-lhe oferecidas, pelo Delegado de Polícia, as instalações desta corporação. Isso foi providencial e, então, para dormir, foi à Delegacia às 21h15m da quinta-feira dia 2 de junho de 1974.

No dia seguinte, sexta-feira, bateu um papo com algumas

pessoas de responsabilidade, do local, e no sábado chegaram os seus familiares, começando com eles a volta para Catanduva, às 14 horas.

4D - AS PESQUISAS DA FAMÍLIA PATERO

À PROCURA DO CARRO

Embora Onílson dissesse à esposa que voltaria no mesmo dia em que saiu de casa, Dona Lourdes, no dia seguinte, ficou apenas preocupada, embora mantivesse a calma externamente. Ainda ficou esperando e procurou aconselhar-se com a cunhada, Dona Neide, para saber o que fazer. Na terça-feira seguinte chegou o aviso da Delegacia de Polícia de Guarantã, embora que desde há 3 dias esta já estivesse de posse do carro e de informações que identificassem Onílson, de Catanduva, como sendo o proprietário. Foi feita pela família uma ligação telefônica para o hospital de Guarantã.

Na quarta-feira, 3 pessoas saíram à procura de Onílson: o seu irmão Éder, o seu sobrinho Antonio Chagas e o seu cunhado Francisco Sanches. Primeiro foram ver o carro na Delegacia de Guarantã, e não havia nele sinais de ter sofrido um assalto; faltava apenas a chave de ignição e em consequência disso havia sido feita uma ligação direta pela Polícia. Havia os documentos do carro e pasta de documentos de Onílson, que foram entregues à família. Posteriormente, o carro foi apanhado pela firma para a qual Onílson trabalhava.

Os familiares também procuraram o fazendeiro, que foi o primeiro a avistar o carro de Onílson, abandonado na estrada a uns 20m da porteira da entrada da sua propriedade, fazenda "Água Santa" (ver fig. 4). Era um sábado. Porém, no dia seguinte, domingo, quando voltava da igreja, não viu mais o carro, sabendo que o mesmo fora recolhido pela Polícia de Guarantã.

CIPEX e GENA 2004

À PROCURA DO HOMEM

Os familiares saíram às 5h da manhã do dia 1º de maio e percorreram, no carro do Sr. Éder, provavelmente o mesmo trajeto feito pelo desaparecido. Visitaram as fazendas à beira da estrada, bem como as cidades, hospitais e delegacias de polícia. Assim, passaram em Marília, Pirajui, Pongai, Cafelândia, Guarantã, Novo Horizonte e Júlio de Mesquita (ver. mapa da fig. nº 2), sendo que nessa última procuraram também o prefeito, com quem Onílson havia falado por último.

Na quinta-feira, dia 2 de maio, veio a ligação telefônica de Colatina, dando notícia do reaparecimento de Onílson. Imediatamente, às 21h, iniciaram a viagem, saindo de Catanduva e só chegando a Colatina no 3º dia, sábado, 4 de maio, às 6 horas da manhã, pelo motivo de que em Ribeirão Preto quebrou-se uma peça do carro e era necessária outra de reposição. Além disso, por não terem prática de estradas, escolheram itinerário mais longo, passando por Belo Horizonte ao invés de Rio de Janeiro.

Em Colatina, procuraram primeiramente na residência do Sr. Cesar Menelli, de onde fora feito o telefonema. De lá rumaram para a Delegacia, onde às 9h acharam Onílson. Este parecia apenas mais pálido que de costume. Tiveram um encontro com o juiz, que então assistiu oficialmente à reunião de família Patero. Às 13h partiram. No roteiro da volta passaram por Vitória e descansaram em Pedra Branca, Estado do Espírito Santo. Depois, o Rio de Janeiro, Jacareí, Campinas e Catanduva. Encurtando o caminho, não passaram pela cidade de São Paulo, onde a desapontada equipe ufológica local ficou à espera de Onílson, como depois se ficou sabendo. Pararam no santuário de Aparecida do Norte para agradecerem todos pela volta milagrosa de Onílson.

Ainda fizeram uma outra interrupção significativa: a uns 12 km de Colatina, onde os repórteres dos jornais estavam esperando a passagem da família Patero no ponto da fazenda Catuá, de propriedade do Sr. Menelli. Pediram a Onílson para subir com eles até à pedra onde gravara o seu nome, a fim de comprovarem

te pequeno detalhe. Isto foi feito e confirmado pelas fotos do jornal "O Vespertino" (de Vitória), do dia 6 de maio de 1974 (ver. fig. nº 10).

Na fig. nº 11 vemos reprodução de uma foto do jornal "O Diário", de Vitória, do dia 6.5.74, mostrando a recepção de Onílson, pela sua esposa, com uma grande emoção, após 6 dias de "suspense". Eram então 15h do dia 5 de maio de 1974.

No entanto, o que geralmente não transpira são as perdas materiais que, nos primeiros momentos de alegria, são relegadas a um segundo plano. Os Cr\$ 1.800,00, aproximadamente, gastos pela família, nas buscas e pesquisas, não deixam de ser uma perda apreciável, uma vez que se trata de pessoas da classe média.

Soman-se a isso ainda os 4 dias úteis de trabalho gastos pelo Sr. Éder e o fato de Onílson ter perdido (sem deixar traços sequer) 500 cruzeiros e 2 talões de cheques que estavam com os seus papéis no seu carro.

4E – PESQUISAS DA SBEDV, EM GUARANTÃ

(Obs.: Pela ordem cronológica dos acontecimentos, vamos aqui relatar os nossos achados). **CIPEX e GENA 2004**

No dia 15/06/74, dirigimo-nos de Catanduva para Guarantã, aproximadamente a 120 km em linha reta. Conforme a orientação do Sr. Éder Paterno, irmão de Onílson, ultrapassamos a cidade uns 12 km, sempre em direção a Marília, até avistar a rede elétrica (da CESP) que cruza a estrada em ângulo reto (ver foto da fig. nº 4). Logo encontramos a porteira (ver seta na fig. nº 4) à esquerda da fazenda "Água Santa" e adiantamo-nos cerca de 1 km até avistarmos as casas da fazenda. O fazendeiro Walter Dias então cruzou conosco, ocupado em levar sacos de milho a fim protegê-los contra a chuva que ameaçava cair naquele dia. Eram umas 17h30m, quando o Sr. Walter Dias nos atendeu e prestou as seguintes informações: No referido sábado (27 de abril de 1974), entre as 17h30m e as 18h, havia realmente avistado um carro Volks, a uns 20m da porteira de sua fazenda, estacionado corretamente no acostamento da estrada, com as suas portas encostadas ou fechadas (fig. 4).

No dia seguinte, um domingo, quando ia à igreja às 7h, ainda viu o carro com os vidros fechados, no acostamento, pensando tratar-se de veículo roubado. Entretanto, ao voltar da igreja ao meio dia, já não encontrou mais o carro, sendo informado que, neste meio tempo, a Polícia de Guarantã, avisada, o tinha levado (ver fig. 12 – reprodução de foto do "Jornal da Cidade", de Baurú, de 3/5/74).

Na quarta-feira, 1º de maio, diversas pessoas o visitaram apresentando-se como familiares do motorista desaparecido daquele carro e queriam saber de maiores detalhes, o que estava prejudicado. Informaram-lhe, outrossim, essas pessoas, que o desaparecido havia tido, já no ano passado, um episódio com um Disco Voador. E nada mais nos pôde informar o Sr. Dias.

Ao sairmos da porteira da fazenda, colocamos o nosso próprio carro na mesma posição em que havia ficado o de Onílson, conforme as explicações do fazendeiro, e batemos uma foto (fig. nº 4).

4F – PESQUISAS DA SBEDV, EM COLATINA

Antes de relatarmos os resultados das nossas idas à cidade de Colatina, no dias 5 e 11 de maio de 1974, queremos lembrar ao leitor que a mesma cidade foi citada no Boletim anterior, em relação ao caso do soldado José Antonio da Silva. Este foi seqüestrado por extraterrestres, em Bebedouro, perto de Belo Horizonte, e depois de 4 dias foi devolvido à Terra, no Estado do Espírito Santo, ao norte de sua capital, Vitória (ver Boletim nº 94/98, página 14).

A cidade de Colatina, com aproximadamente 60.000 habitantes, é situada no vale do Rio Doce, sobejamente conhecido pela sua riqueza em minério de ferro. À nossa chegada à cidade,

pedimos orientação a um policial, que prontamente nos levou a uma pessoa mais bem informada: Sr. Otto Aurich, o qual é pai do Delegado de Polícia (Capitão Luiz Sérgio Aurich, com 28 anos de idade e em vias de se diplomar em Ciências Contábeis e Educação Física). Os dois nos deram um curto relato e depois nos encaminharam à pessoa mais importante para a pesquisa: o fazendeiro Cesar Menelli, que foi quem primeiro ouviu Onílson durante a descida do morro e logo depois com ele falou quando de sua volta à Terra, em Colatina. Na fig. nº 13 vemos Sr. Otto, Sr. Menelli e o filho deste, no exato momento em que voltavam de uma pesquisa no morro citado.

O relato do Sr. Cesar foi o seguinte: Naquela 5ª feira em questão, 2 de maio de 1974, fora acordado em sua casa, no centro da cidade de Colatina, às 4 horas da manhã. Eram dois motoristas de caminhão, conhecidos seus, que lhe vinham avisar que havia gado, na rodovia para Vitória, provavelmente procedendo da sua fazenda (que se chama Catuá e fica a uns 12 km de Colatina, à esquerda da rodovia, para quem vai a Vitória).

O Sr. Menelli rumou então, na sua camioneta, para o local onde chegou aproximadamente antes das 5 horas. Parou entretanto a uns 400m adiante e à direita (SBEDV: Para testar os seus empregados?), mas não viu gado nenhum.

Entretanto, escutou uns gritos que vinham de um dos morros mais altos (aproximadamente 400m) da sua propriedade (ver, na fig. nº 14, o Sr. Cesar apontando o morro). Alguns minutos após, ouvia outros gritos vindos daquela mesma direção.

Dirigiu-se então para o curral, situado à esquerda da estrada, e lá interpelou os seus dois empregados, um de nome Abraão Bonde, com as palavras: "São vocês ou um de vocês que grita lá encima?". A resposta foi: "Não, nós estamos aqui embaixo e estamos sós".

O Sr. Menelli voltou então para o seu carro onde depois de mais 15 ou 20 minutos de espera escutou outro grito, já mais embaixo no morro. Resolveu esperar no carro, pois começou a cair uma chuva fina. Escutou em seguida um grito já mais perto, desesperado: "Ai, ai, minha mãe, minha mãe."

Já estava amanhecendo quando viu descer, dos últimos lances daquela serrinha, um homem, que foi se aproximando do grupinho de gente formado pelo Sr. Menelli e os seus capatazes. Estacou frente ao Sr. Menelli, tirou os óculos para limpá-los e disse: "Os senhores não precisam ter medo de mim, sou boa gente. Em que terra (região) eu estou?".

A primeira vista, o Sr. Menelli pensou tratar-se de um demônio que tivesse pernoitado pelas suas pastagens. Mas resolveu informar corretamente: "O senhor está no Estado do Espírito Santo, Município de Colatina, fazenda Catuá, a 12 km da cidade de Colatina."

Em seguida, Onílson contou a sua estória para o Sr. Cesar. Este, observando os carrapichos agarrados de cima a baixo na roupa de Onílson e lembrando-se ainda dos gritos de desespero, que antes ouvira, evidentemente vindo de Onílson, reformulou a sua opinião a respeito do mesmo: "ou é louco ou é pessoa boa!". (admitindo, agora, que Onílson poderia não ser um louco).

Em vista de estar sem recursos, naquele momento, Onílson pediu ao Sr. Menelli que o levasse a uma Delegacia de Polícia ou então a um rádio-amador que se comunicaria com a sua família.

O Sr. Menelli explicou que era vizinho do pai do Delegado e que o levaria à sua casa. Assim, chegaram em casa por volta das 6 ou 7 horas.

Onílson trajava uma calça de cor cinza esverdeada, de qualidade boa, e limpa não fossem os carrapichos e sementes de grama. A camisa era listrada, azul clara. Também possuía um relógio Seiko e um maço de cigarros.

Entre 7 e 8 horas foi comunicada a ocorrência ao Sr. Otto Aurich, o qual possui um estabelecimento industrial na mes-

ma rua do Sr. Menelli. Aproximadamente às 10h30m foi feita uma ligação telefônica, para José Antonio, da firma Cilcat, em Catanduva, e que foi providenciada por um dos filhos do Sr. Aurich, de nome Eduardo Sebastião. Durante a conversa telefônica ouviu-se que, como prova de sua estada naquele morro na fazenda Catuá, Onílson mencionou a gravação das iniciais do seu nome numa pedra ali existente.

A seguir, deixou-se Onílson dormir, sendo acordado às 14 horas, quando chegou o Delegado de Polícia, Capitão Aurich. A essa hora já havia grande aglomeração popular diante da casa do Sr. Menelli.

As 14h30m foi oferecido um almoço a Onílson, mas este comeu somente um pouco de arroz.

Às 15h chegou o juiz criminal Arion de Vasconcelos, a quem Onílson entregou alguns documentos que levava consigo. O juiz aproveitou para fazer algumas perguntas às quais Onílson respondeu corretamente, conforme os dados assinalados nos documentos. Também o médico Aldo Machado se pronunciou, falando sobre a aparência de Onílson, excluindo a alucinação, dada a coerência das suas respostas e orientação no complexo espaço/tempo.

Às 17h Onílson teve mais uma oportunidade de dar um cochilo e às 18h30m jantou, agora com apetite melhor. Soubese, nessa hora, que o ufólogo e médico paulista, Dr. Max Berezovsky, havia telefonado para a Delegacia de Polícia, informando sobre Onílson Patero e dizendo que "o caso merecia crédito" (em vista do 1º episódio ufológico que ele mesmo pesquisara nas cidades de Catanduva e Itajobi, e em laboratórios em S. Paulo).

Contudo, a aglomeração de populares, em frente à casa do Sr. Menelli, continuava aumentando constantemente. Devido à enorme curiosidade reinante, previa-se que naquela casa ninguém dormiria naquela noite: nem o seu dono, nem a sua família e muito menos ainda o protagonista Onílson. Desta forma, foi imediatamente aceito o oferecimento do Sr. Delegado, que convidou Onílson para um repouso merecido, nas instalações da Delegacia, oferecimento este que veio em boa hora. Assim, seguiu Onílson para a Delegacia às 21h15m aproximadamente.

Nessa mesma quinta-feira o Delegado indagou se Onílson havia se barbeado, tendo em vista a escassa barba mesmo depois dos 6 dias de afastamento. Onílson negou que tivesse feito a barba. No terceiro dia em Colatina, um sábado, o Delegado reparou que a barba de Onílson praticamente não crescera, pois continuava com o mesmo aspecto (ver foto de Onílson, fornecida à SBEDV por Adelson Exim - fig. 15).

Soubemos ainda que no sábado, antes do retorno de Onílson à sua casa, houve um encontro formal com o Sr. Juiz quando Onílson foi entregue oficialmente aos seus familiares.

Por fineza do Sr. Adelson Exim, auxiliar do Juiz, quando estivemos pela segunda vez em Colatina, fomos apresentados a esta última autoridade e também a outras da vara criminal e cível daquela cidade. Na ocasião o assunto Onílson e também todo o problema ufológico foi submetido a uma reavaliação crítica, pelos componentes do grupo formado.

Nessa oportunidade soubemos também da existência de uma gravação possivelmente feita na sexta-feira na Delegacia, quando Onílson relatava a estas pessoas os dois episódios ufológicos, sendo submetido a muitas mas respeitadas perguntas, que foram em seguida respondidas por ele com simplicidade e coerência, em relação aos relatos anteriores que já conhecíamos.

Ainda por gentileza do Sr. Adelson, fomos presenteados com uma cópia dessa gravação e nela também notamos a recusa de Onílson em falar sobre certos trechos do seu 2º episódio ufológico, talvez por ele temer cair no ridículo, uma vez que nem ele mesmo podia compreender certos aspectos daquilo que havia vivido. Nessa oportunidade citava o médico Dr. Max Berezovsky, com o maior respeito, querendo se consultar primeiro com ele, sobre certos aspectos, antes de falar a outras pessoas.

DATAS E LOCAIS DE PESQUISAS REFERENTES AO 2º CASO DE ONÍLSON PATERO:

- 26 e 27/2/74 — Pesquisa de outros casos de DV em Catanduva, e Sessões de tentativas de hipnose com Onílson.
- 11 e 12/5/74 — Catanduva e Santa Adélia (Est. de São Paulo).
- 5 e 19/5/74 — Pesquisas em Colatina (Est. Espírito Santo).
- 15/6/74 — Pesquisas em Guarantã (Est. São Paulo).
- 1 e 2/7/74 — Tentativas de hipnose pelo Dr. Silvio Lago, em Niterói (Estado do Rio).
- 11/2/75 — Pesquisa em Pindorama (Est. São Paulo), relativa ao Sr. Otto Gibbs Olivatti (ver o item 6n).

TÍTULOS DE NOTÍCIAS JORNALÍSTICAS SOBRE O

1º CASO ONÍLSON

- O Estado de São Paulo — 18/5/73: "Disco é visto em Catanduva"; 29/5/73: "Disco é visto em Ribeirão Preto".
- Folha de São Paulo — 30/5/73: "Relatório sobre Discos Voadores"; 9/6/73: "Discos Voadores".
- Última Hora (SP) — 30/5/73: "Discos Voadores".
- O Regional (Catanduva) — 25/5/73: "DV paralisa automóvel e ataca motorista na estrada de Itajobi"; 1/6/73: "Nossos DV: Repercussão Nacional"; 5/6/73: "Cientistas realizam pesquisas em Catanduva"; 13/6/73: "Onílson — Galileu Galilei do século XX"; 23/7/73: "O homem do Disco Voador".
- Diário do Paraná (Curitiba) — 1/6/73: "Disco Voador visto em Catanduva".

CIPEX e GENA
2004

TÍTULOS DE NOTÍCIAS JORNALÍSTICAS SOBRE O 2º CASO DE ONÍLSON

- O Regional (Catanduva) — 1/5/74: "Catanduvense desaparecido há 4 dias."
- O Diário (Vitória — ES) — 5/5/74: "Médico paulista afirma que Onílson é homem perfeito"; 6/5/74: "Onílson regressa a S. Paulo".
- Vespertino (Vitória) — 6/5/74: "O homem do DV só fala para as autoridades".
- Notícias Populares (S. Paulo) — 28/5/74: "Este homem viajou num Disco"; 29/5/74: "Marcianos usam telepatia para interrogatório"; 30/5/74: "Marcianos abandonaram comerciante num morro"; 31/5/74: "Confundido com marciano, Onílson foi cercado por multidão na Delegacia"; 1/6/74: "Revelações de Onílson aos marcianos estão sob sigilo".
- Folha de S. Paulo — 11/5/74: "Onílson e o OVNI"; 30/5/74: "Relatório sobre DV"; 4/6/74: "A pesquisa dos objetos não identificados"; 29/6/74: "Onílson, as aventuras fantásticas".
- Jornal da Cidade (Bauru-SP) — 3/5/74: "Seqüestro de livreiro é atribuído a Disco Voador"; 8/5/74: "Já em Catanduva o livreiro que viajou no DV"; 10/5/74: "Homem que viajou no DV vai ser investigado"; 15/5/74: "Patero reitera: viajei 6 dias no Disco"; 16/5/74: "Estudiosos pesquisam há 20 anos os OVNI".
- Última Hora (RIO) — 3/5/74: "Paulista anda em Disco Voador".
- A Gazeta de Dia (Curitiba?) — 3/5/74: "Vendedor afirma que foi raptado por um DV em S. Paulo".
- Veja (revista-Rio) — 15/5/74: "Visões".

5 — OUTROS RELATOS SOBRE DV NA REGIÃO DE CATANDUVA

Soubemos, por intermédio de Onílson, de 5 fatos sobre atividades de Discos Voadores na região de Catanduva. Em 3 casos houve facilidades para as nossas investigações, cujos relatos damos a seguir:

a) TESTEMUNHA ATACA TRIPULANTE A TIROS

Obs.: No Bol. 74/79, pág. 17 a 28 ("O Incidente da Represa do Funil") relatamos a aventura de um vigia-noturno, de uma represa hidrelétrica que, inadvertidamente, atacou um DV a tiros de revólver, tomando-o por uma unidade subversiva "terrestre", daí resultando sua cegueira (psicogênica?) temporária.

No Bol. 94/98 em "O caso do automóvel que ficou transparente" (pág. 30 a 41) consta o relato da testemunha (cujo carro tinha sido interceptado na estrada por um DV) que "lamentou não ter tido na ocasião um revólver com o qual, certamente, alvejaria o estranho veículo."

vôo baixo + TRIP

No relato, a seguir, do fato ocorrido em Santa Adélia, perto de Catanduva, repetiu-se o triste espetáculo. No caso, o tripulante do DV foi agredido pela testemunha, na sua fase emocional do terror e por desconhecimento de causa: "a existência de forças maiores entre nós, em forma de Discos Voadores, visitantes oriundos de outros mundos". Assim, isso mais uma vez levou a uma testemunha a usar a sua arma, desta vez contra o próprio personagem extraterrestre, não se sabendo se este, em consequência, sofreu ou não lesões corporais.

O protagonista do nosso caso, personalidade P "X" (suprimimos o seu nome a seu pedido), é pessoa com um cargo de responsabilidade dentro da comunidade. Tinha 51 anos de idade por ocasião do evento, que se deu no dia 29 de outubro de 1967.

Na ocasião, voltava de noite em seu carro, de uma escapada amorosa clandestina. Assim, estava prevenido com um facão e uma arma "Rossi" de 7 tiros, calibre 22mm. Eram aproximadamente 23 horas quando trafegava pelo caminho da "Estrada Municipal". Chegando à Fazenda Miguel Prieto, onde existe um mata-burro e, à sua esquerda uma porteira que dá acesso a uma fazenda, apareceu de repente uma elevação pela frente. Isso motivou a passagem do carro para a 2ª marcha do câmbio. Ainda à distância notou uma pequena nuvem, numa noite de lua em "quarto minguante".

CIPEX e GENA

2004

Quando chegou à crista da elevação passou então o carro para a 1ª marcha, porquanto, à frente, teria de passar lentamente por uma poça d'água. Na ocasião vislumbrou à distância de uns 60m, flutuando por cima da cerca (a 1,2 a 1,5m de altura do chão) um prato da cor de alumínio com parte convexa dirigida para baixo, com um diâmetro de aproximadamente 10m. Chegando mais de perto, e, à distância de uns 10 a 15m, viu

que o prato estava cheio de luzes, umas vermelhas e outras de cores diversas que se ascendiam e apagavam alternadamente.

Não se lembra se o carro parou por causa do motor, mas depois notou que o farol e o motor do carro estavam desligados.

Sentado no carro parado notou, então, um personagem, em pé e perto do prato (suspense no ar). Essa pessoa era maior que o protagonista (de 1,62m de altura). Tinha aproximadamente 1,70m, era robusto, sem ser gordo, e usava uma roupa clara (não podendo precisar a cor, por ser a testemunha daltônica). Essa pessoa adiantou-se um passo e com um objeto cilíndrico emitiu um feixe de luz branca fortíssima que iluminava um pasto à sua frente e que estava a grande distância.

P "X" associou o fato a uma possível cilada, ligada à sua aventura amorosa ("P" "X" desconhecia a real existência dos DV e dos seus tripulantes). Então se abaixou no carro, entreabriu a porta e por ela fez pontaria com a sua arma, em direção ao personagem, detonando-a 6 vezes. Só um dos tiros não saiu. Ainda chegou a apanhar o seu facão, colocando o seu pé esquerdo no chão, mas não avançou e nem saiu do carro, porquanto não viu mais o personagem após os tiros. O prato entretanto começou a balançar-se; ouviu um chiado parecido

com o chocalar de cascalho, e então o prato afastou-se rapidamente em direção Leste, em vôo oblíquo.

Ainda em relação aos seus tiros, explicou a SBEDV que, à distância de 8 a 10m, acertava naquela época um maço de cigarros, e que à distância de 10 a 15m, costumava caçar codornas com o seu revólver.

Em resposta à nossa pergunta sobre a sua reação após o incidente, confidenciou-nos o protagonista, que, "rezei um Pai Nosso porque creio em Deus Padre".

Aconteceu também, por coincidência ou não, que naquela noite só conseguiu conciliar o sono de madrugada. A insônia que daí em diante se instalou em P "X" foi definitiva e, por ordem médica, tomava diariamente 4 comprimidos. Informou ainda que na ocasião o médico também verificou que sua pressão arterial estava alta.

bx. alt.

b) DV VISITA CATANDUVA 7 DIAS ANTES DO 1º EPISÓDIO DE ONÍLSON

O Sr. Inocêncio de Corêa, casado e pai de 2 filhos, empregado da fábrica CECAT em Catanduva, tinha 38 anos de idade por ocasião do episódio que viveu com DV. Às 4 horas da madrugada do dia 15 de maio de 1973, foi com a sua mulher e filha de 12 anos, para o curral, tirar leite. Quando lá chegou, às 4h30m, a filha Maria Cristina chamou a atenção, pois "acompanhando-o lá pela primeira vez, ela estaria vendo assombração em forma de avião", uma vez que esta fora a indagação da filha sobre uma "coisa" que pairava no ar, perto do curral.

Porém, logo Inocêncio verificou que a filha tinha razão, puxando-a para dentro do curral, obedecendo a um gesto de cautela para proteger os seus. Via no ar um veículo ovalizado, com um diâmetro maior tendo uns 5m, largura de uns 3m e boiudo no meio, com uma espessura de aproximadamente 1,2m.

Era escuro (comparável ao padrão Letratilum nº 142M), contrastava bem contra o céu a clarear no início da aurora e se achava a uma distância de uns 30m. Ficou assim parado uns 4 a 5 minutos, deixando sempre ouvir um chiado como o de uma turbina (SBEDV: de um engenho de açúcar)?

Finalmente, o objeto afastou-se rapidamente durante uns 4 minutos, quando mandou a esposa e filha correr para a casa do tenente.

Mas depois, de repente, o objeto veio de volta e ficou a uns 5m acima do telhado do curral, durante uns 6 minutos, ouvindo bem Inocêncio, em baixo do telhado, o barulho que o DV fazia acima dele.

O objeto, nas suas idas e vindas, tinha a "velocidade do pensamento" e isto informado por Inocêncio, que já havia trabalhado 3 anos em campo de aviação. Pela sua conclusão: o objeto não era proveniente do nosso planeta.

Quando o objeto se afastou em definitivo, o fez em direção Leste e sob um ângulo de uns 45 graus.

O gado, no primeiro aparecimento do objeto, ficou intranquilo. Procurou fugir e pular a cerca do curral. A quantidade de leite que se tirou do gado, naquele dia, diminuiu em 50% com relação à dos outros dias. O gado continuou intranquilo, de alguma forma, também no dia seguinte.

No desenho (fig. 16) feito pelo Sr. Inocêncio, nota-se excrescência em forma de cogumelo no dorso do bojo do DV. Isso não constitui erro do desenhista, porquanto a testemunha resistiu a outras interpretações gráficas nossas, sobre cúpulas de discos em rotação.

Essa formação em cogumelo tinha uns 2m de diâmetro e a sua haste, que a ligava ao bojo do DV, tinha espessura de uns 80cm.

Em entrevista com Inocêncio, muito nos honrou a presença do promotor de Catanduva, que fez questão de nos acompa-

nhar a fim de complementar as nossas perguntas, com outras melhores. A experiência de Inocêncio precedeu em 7 dias aquela de Onílson Patero (no 1º de seus casos).

Ainda cabe aqui um agradecimento da SBEDV ao Dr. Guilherme Leguth, promotor de Catanduva, que acompanhou e que complementou as pesquisas.

Obs.: A propósito, convém citar uma notícia que ainda não foi pesquisada pela SBEDV, tendo sido publicada pela "Folha de S. Paulo" (9/6/73), o teor seguinte: **21/22 MAI - 73**

"... no mesmo dia em que um DV apareceu para Onílson Patero, em Catanduva, um outro objeto voador foi avistado na cidade de São José do Rio Preto, no bairro de Santa Cruz. A testemunha foi a Sra. Geny Lisboa que, ao sair do quintal de sua casa, viu um objeto a uns 50m de altura, irradiando intensa luz azulada e que, depois de permanecer parado por alguns minutos, desapareceu sob um ruído como que de turbinas.

a) DVs ACOMPANHAM CAMINHÕES PERTO DE CATANDUVA

Ainda em 27 de fevereiro de 1974, entrevistamos o motorista Gumerindo Fernandes Podas, morador à rua Porto Alegre, 804, em Catanduva, a respeito de um relato seu, publicado na revista "A Feiticeira" número de março de 1965.

O episódio ocorreu no mês de fevereiro de 1965, numa 5ª feira, às 21h30m, quando trafegava de Marília para Catanduva com um caminhão carregado de café. Estava sozinho numa estrada de terra, perto da Guarda Florestal, em frente de Ponga, para cá do rio Tietê, quando, numa distância de 50 a 100m, viu no ar um prato luminoso de uns 5m de diâmetro. Aparentemente, vinha escutando um zumbido parecido com "sirene que trepida". A velocidade do caminhão, que até então era de 50km por hora, caiu para 20 (talvez por interferência do DV). Nestas condições, o Disco acompanhou o caminhão, na estrada, por uns 5 minutos, para depois, se afastar definitivamente.

Em seguida, na cidade de Novo Horizonte, o motorista encontrou o colega Luiz Bus Nardo que lhe relatou que durante a viagem viu luz, da cabine do seu caminhão. Pensou tratar-se de veículo que lhe estivesse fazendo pedido de ultrapassagem. Fez o sinal convencional de concordância, com o seu farol. Entretanto, quando ninguém fez ultrapassagem, pôs a cabeça para fora da cabine e viu um Disco Voador por cima da cabine do seu caminhão.

6 - A CREDIBILIDADE DE UMA TESTEMUNHA

CIPEX e GENA
2004

INTRODUÇÃO

O testemunho do Sr. Onílson Patero, conforme o seu relacionamento de família, na profissão e na comunidade, seria "a priori", aceito por um tribunal que tivesse de julgar um caso, seja na vara criminal ou cível. Assim, infelizmente, não se procede no assunto UFO, porquanto as suas testemunhas não gozam de credibilidade. "A priori" são desacreditadas porque o seu testemunho põe em "confronto" e em "choque" a atitude antropocêntrica da atual sociedade terrestre e dos seus líderes políticos e religiosos. Estes, para não sofrerem desgaste da sua imagem de "fortes e únicos" (na Terra como no Cosmo), tendem a combater o assunto UFO, pela sua frustração e sua própria segurança.

Assim, uma testemunha como Onílson teve e tem de "pagar o ônus" das frustrações terrestres, muito embora o seu relato não tivesse a intenção de desafiar quem quer que seja, mas somente de se aconselhar e relatar a sua inusitada experiência ufo-

lógica, da qual até aquela data não tivera nenhum conhecimento real e profundo, e que só lhe causou perdas materiais e dissabores.

Nós, no intuito de esclarecer a questão, vamos **pacientemente** focalizar o assunto por uma crítica positiva e outra negativa, deixando então o julgamento ao próprio leitor.

CRÍTICA POSITIVA

a - Os relatos estranhos e incompreensíveis para as nossas (terrestres) tecnologia e psicologia nunca formaram a razão para descartar um relato ufológico de uma testemunha, já que estes relatos se referem ao funcionamento de uma tecnologia superior e possivelmente de uma psicologia diferente da nossa. No início da existência da SBEDV, foi isso focalizado pelo seu então Presidente Lulo Duncan de Lima Rodrigues, no item nº6 do Decálogo "... partindo do princípio de que aquilo, que parece ser hoje fantasia, pode tornar-se realidade amanhã". Depois de 20 anos de estudos ufológicos, isso também foi descoberto pelo Dr. Hynek, aumentando daí a "credibilidade de uma testemunha" (leia capítulo 4: "on the strangeness of UFO reports" no seu livro "The UFO Experience"). Os aspectos estranhos, durante o primeiro episódio ufológico de Onílson, seriam:

- a.1. - um raio luminoso que deixasse partes ou totalidade do carro transparentes à nossa visão, muito embora isso ainda seja impossível para a nossa tecnologia atual, senão de um modo muito limitado, como no caso dos raios X (leia Boletim da SBEDV nº 94/98, pag. 33 e 37).
- a.2. - a possibilidade do sequestro do Sr. Onílson por uma esteira fortemente inclinada, sem por isso ter caído, no 2º episódio.
- a.3. - a possibilidade de só se lembrar de uma fração do tempo que passou no DV (só aprox. 10 minutos em 6 dias, no 2º episódio)
- a.4. - a falta de comunicação (amnésia?) sobre suas necessidades fisiológicas nos 6 dias que passou dentro do DV, no 2º episódio.

b - Certos fatos estranhos envolveram o primeiro episódio ufológico de Onílson e puderam ser objetivamente comprovados, por outras pessoas.

- b.1. - surgiu em Onílson, no dia do episódio, um prurido cutâneo seguido de manchas cutâneas, petequiformes, dias após.
- b.2. - mudança na cor do seu cabelo (marrom para preto), observada pela esposa, e que durou poucos dias.
- b.3. - além de modificações no cabelo e na pele, acima descritas, que eventualmente poderiam estar influenciadas também por um "psiquismo", houve também dois fatos concretos que não permitem a suposição de tais influências (psíquicas): a blusa estava seca, apesar da chuva que vinha caindo naquela noite, enquanto que o resto da roupa de Onílson estava encharcado.

- b.4. - o fato de Onílson estar prostrado de bruços no acostamento da estrada, com água da enxurrada correndo em torno da sua cabeça, de acordo com a observação de duas testemunhas. Normalmente, isso levaria uma pessoa a um afogamento, o que induziu as testemunhas a taxarem Onílson de "morto" (leia o relato no Boletim nº 94/98).

c - A SBEDV entrevistou um grupo de 3 pessoas, que, 7 dias antes da primeira experiência ufológica de Onílson, observaram em Catanduva, durante bastante tempo, um DV a baixa al-

tura manobrando sobre um curral, assustando o gado (leia item 5b neste Boletim).

d Cita-se também que no dia do 1º caso de Onílson, no fundo de um quintal, houve, em S. José do Rio Preto (cidade vizinha de Catanduva), uma observação de um DV com intensa luz azulada e ruído de turbinas. Ver a Folha de S. Paulo - 9/6/73.

e Pesquisamos o caso do abandono do carro no 2º episódio e também o do ressurgimento da testemunha 6 dias após e aproximadamente a 900 km da distância, quando descia um monte relativamente alto e pedregoso. Isso aconteceu a uns 12 km de distância da cidade de Colatina. Não houve prévia combinação entre o fazendeiro e as pessoas que viram antes Onílson e o colheram.

f O modo como a testemunha relata os fatos é difícil de ser compreendido até mesmo pelo próprio relator:

- f.1. - o trabalho dos tripulantes correndo de carrinho (no 2º episódio, vistos através de uma janela da 2ª sala).
- f.2. - a coleta de uma substância terrestre que depois não foi observada entrar no DV (no 2º episódio, vista da 2ª sala).
- f.3. - o fato de ver desfilar diante de si 4 figuras terrestres, sendo uma delas ele próprio (vestido com a roupa do 1º episódio).
- f.4. - o fato de não poder relatar a satisfação das suas necessidades fisiológicas nos 6 dias que passou no DV.
- f.5. - o fato de ele próprio só poder relatar pequeno período (aprox. 10 minutos) do 2º episódio, sendo a maior parte (6 dias) encoberta pela amnésia.

Todos estes 5 fatores contribuem em favor da sinceridade da testemunha.

(Não seria lógico um impostor inventar uma história difícil (inacreditável) para ser truncada por períodos de amnésia? O lógico em uma fraude seria justamente a invenção de uma história fácil de ser acreditada.)

g Contribui também a favor da testemunha a facilidade com a qual a mesma se coloca à disposição dos médicos para a realização da hipnose regressiva (ler no item nº 9). Um trapaço comum, ao nosso ver, procuraria escamotear, enquanto esta testemunha submeteu-se prazerosa e tranquilamente a 4 hipnoses, tendo cada uma várias sessões (2 vezes em S. Paulo, uma vez em Catanduva e outra no Rio). Embora os resultados fossem parcos, isso não dá ainda ao investigador o direito de agredir uma pessoa que pacificamente e com boa vontade tem cooperado com a pesquisa (a testemunha, a nosso pedido, locomoveu-se uma vez, para o Rio de Janeiro, quando então o Dr. Sylvio Lago pôde fazer uma tentativa neste sentido, em nossa presença - ler item nº 9).

h Parece que foi feito um "teste dramático", pelo grupo ufológico paulista, acusando a testemunha de trapaça, no fim de uma sessão de hipnose malograda. Este teste, ao qual já nos referimos no Boletim SBEDV nº 62/65 (pág. 48 e nota nº 23 nas págs. 58 e 59), foi por nós desaconselhado. Porém, se for usado naturalmente, a testemunha deverá ser informada, no fim do teste, que "aquilo foi só um teste". Se isso não for feito, ficará na testemunha um ressentimento contra a pesquisa e/ou o pesquisador. O que poderá equivaler a uma verdadeira intimidação da testemunha, com a tendência a silenciá-la.

Estamos inclinados a admitir que não tenha sido essa a intenção do grupo de São Paulo, mas sim apenas um esquecimento de esclarecer posteriormente à testemunha, "que tinha sido submetida a um teste dramático". Também, em 4 e 5 de maio, a Gazeta de Vitória publicou um artigo com o título "Médico paulista afirma que Onílson é um homem perfeito". Ainda a guisa de maiores explicações:

Este mesmo tipo de teste foi usado pela equipe do CICOANI (um grupo mineiro de pesquisa) no caso da Sagra da Família, em Belo Horizonte, com resultados a favor da testemunha (ver no Bol. nº 62/65, pag. 45). Também em Diamantina (por informação verbal do CICOANI), o Delegado de Polícia o usou na ocasião do desaparecimento de Rivalino Maffra (ver Bol. SBEDV nº 30, pag. 8 e 9), presenciado pelo filho menor, Raimundo. O Delegado, então, apontando ao órfão um cadáver qualquer no necrotério local (um berço de lençol, teria assegurado ao menor que "aquilo fosse o seu pai". Em pranto, o jovem respondeu que desconhecia a morte do seu pai, sabendo apenas que o mesmo desaparecera da maneira já descrita: numa nuvem de pó, ao se aproximar de duas bolas localizadas no chão, de manhã adiante da porta do seu casebre, e que as duas bolas começaram a rodopiar loucamente, tendo desaparecido em seguida pai, bolas e pó.

i Involuntariamente, Eder Patero, irmão de Onílson, fez o mesmo teste por ocasião da busca do irmão em Colatina. Por quanto admoestou-o pelos grandes gastos que desnecessariamente havia causado à sua família, pobre em recursos, com esta encenação. Onílson teria caído em prantos (como nos foi relatado pelo próprio Eder), dizendo que de maneira alguma teria participado ativamente no seu desaparecimento, e que não desejava nem ao seu pior inimigo os dissabores que havia experimentado.

CIPEX e GENA
2004

CRÍTICA NEGATIVA

j Pessoa com disritmia no EEG (eletroencefalograma) poderia apresentar uma "ausência" de 6 dias e, nesse período, sem saber o que fazia, cobriria os 900 km para aparecer em Colatina (porém, próximo à Estação Rodoviária). Mas Onílson não apareceu no centro da cidade, mas sim, a uns 12 km dali. Seria, ao nosso ver, difícil de ter ele perambulado nessa região, sem dinheiro e sem ser pressentido pelos zeladores de gado e outros transeuntes. Posteriormente, quando toda região chegou a saber do acontecimento, ninguém apareceu para testemunhar, no sentido de ter presenciado Onílson naquele local anteriormente.

k De fato, Onílson apresentou, em Colatina, uma barba relativamente pouco crescida para 6 dias (vide foto da fig. nº 15). Entretanto, verificamos, por ocasião da nossa estada em Catanduva, a pouca barba, no seu irmão Éder Pattero, já de alguns dias por fazer, demonstrando que realmente a família possui tendência para pequeno crescimento da barba. Em semelhança à ausência de relatos das necessidades fisiológicas no DV, durante os 6 dias do 2º episódio ufológico, poderia haver alguma significação também para a barba.

l Houve falta de detalhes no 2º episódio de Onílson. E esta foi a reclamação do repórter do Jornal da Cidade (de Baururú - 15.5.74), na entrevista de Onílson em Catanduva, em 11.5.74. Entretanto, Onílson omitiu exatamente os detalhes exóticos do relato do seu 2º episódio, a pedido dos ufologistas paulistas presentes na ocasião (ao lado do representante da SBEDV, na foto da fig. nº 17).

m Os ufologistas paulistas, com esse gesto de discreção, quiseram evitar um sensacionalismo jornalístico barato, asseverando que o relato de Onílson iria ser liberado logo após eles procederem à pesquisa. Naturalmente, o repórter de Baururú, sincero mas impaciente, deveria ter voltado ao assunto e cobrado essa promessa. Mesmo assim prestou serviços inestimáveis à ufologia, com suas fotos documentárias. Por este motivo lhe será encaminhado um exemplar deste Boletim.

n Poderia ter havido uma poluição da mente de Onílson, por literatura ufológica assimilada por ele, previamente aos seus "episódios".

Para esclarecer devidamente uma possibilidade desta ordem, a SBEDV visitou o lar do protagonista, enquanto este se achava afastado por motivo de viagem. Na ocasião, fomos informados pela esposa de Onílson que o mesmo desconhecia a literatura especializada no assunto e que esta não era a usada no seu lar. Só após a difusão do seu primeiro episódio é que começaram a chegar Boletins (encaminhados por pesquisadores paulistas e cariocas) que se ocupavam com o assunto, especialmente com o seu relato. A SBEDV também lhe remeteu um livro (juntamente com a restante literatura) que descreve um contato ufológico, mas de forma completamente diferente dos episódios de Onílson (é o livro de Arthur Berlet). De modo que a idéia de plágio fica afastada.

Por intermédio de terceiros, participantes do Congresso Ufológico paulista (30/11 a 1/12/74), chegou-nos uma notícia de que o grupo ufológico local não mais estaria propenso a apoiar os episódios ufológicos relatados por Onílson. A razão da reviravolta de opinião do grupo paulista estaria baseada em supostas declarações do Sr. Otto Gibbs Olivatti, que teria sido companheiro de viagem de Onílson em pelo menos uma das ocasiões de seus 2 episódios ufológicos.

A fim de esclarecermos o caso, por meio de uma pesquisa, transportamo-nos em 11/2/75 à casa do Sr. Otto, situada em Pindorama (veja seta na fig. 18), onde este nos esclareceu que não esteve presente em nenhuma das duas viagens de Onílson (nem em relação ao 1º episódio ufológico em 22 de maio de 1973, e nem em relação ao 2º episódio em 26 de abril de 74). Aliás, com referência à última data poderá comprovar que esteve em local bastante afastado da cidade de Júlio de Mesquita, porquanto estava a mais de 800km de distância, na cidade de Assis Chateaubriand (Paraná).

Na fig. 19 publicamos a declaração do Sr. Otto, a qual foi escrita pelo pesquisador e assinada pelos presentes no momento dessa confirmação: Otto Gibbs Olivatti, Walter Karl Buhler (pesquisador da SBEDV) e Onílson Pattero (testemunha ufológica).

No entanto, para terminar esta questão, seria necessário recebermos as informações do grupo paulista, através de seus membros Dr. Max Berezovsky e prof. Guilherme Wirz. Aliás, já havíamos pedido isto ao último, na época do citado Congresso. A bem da pesquisa pura, ficamos aguardando a comunicação que solicitamos.

Porém, isto não impede que toquemos no assunto Onílson uma terceira vez em outro Boletim, já que aqui estamos apenas para estimular a pesquisa e nunca nos intitulamos os donos da verdade.

Assim, por exemplo, no Boletim nº 85/29, pág. 41, em "Considerações sobre uma foto de DV" fizemos exatamente isto, retificando nossa opinião anterior.

Talvez algumas das divergências nos nossos resultados na pesquisa, em relação aos de outros grupos, expliquem-se pelos seguintes fatores:

- A SBEDV não tomou em consideração os dados verbais focalizados no item anterior, sem antes pesquisá-los, fiel àquilo que dissemos há tempos em relação aos casos de São Roque—Araçatiguana e de Inácio de Souza
- Em outra parte, os nossos resultados basearam-se em dados colhidos na cidade de Colatina e fazenda de Guarantã, pesquisas estas que outras pessoas talvez só no futuro completarão.

Desta forma também aceitamos as críticas (construtivas) do Prof. Dr. Sylvio Lago, que, com os seus conhecimentos de hipnose e de parapsicologia (ver itens nºs. 9 e 10 deste Boletim), promete trazer novos subsídios de "bases sólidas" para a ufologia. Estes conhecimentos estão delineados no trabalho "CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUNS ASPECTOS MÉDICOS, PSICOLÓGICOS, PSIQUIÁTRICOS E PARAPSICOLÓGICOS DA PESQUISA UFOLÓGICA", apresentado no 6º Colóquio Brasileiro sobre Objetos Aéreos não Identificados, em São Paulo, 1974.

Embora que aqui tenhamos relatado apenas algumas facetas do empolgante assunto, para o leitor lo que inclui que no futuro talvez mais uma vez possamos tornar a focalizá-lo, queremos acreditar que devemos respeitar a própria opinião do leitor, porquanto ele talvez possua uma experiência maior que a nossa ou consiga enxergar ângulos ainda escondidos à nossa própria percepção. No entanto, gostaríamos de mencionar três regras capitais que deveriam guiá-lo no julgamento de um caso:

1ª — Toda opinião relativa ao campo ufológico deveria brotar de um raciocínio sincero e de boa fé e não seria influenciada por vantagens materiais, já que essas, via de regra, originam-se de um comprometedor poder político-econômico.

2ª — Para se zelar pelo bom nome dos relatos da "pesquisa" e não os rebaixar para "contos folclóricos", tornar-se-ia também necessário que não fossem usados os "ufo-foruns", eventualmente existentes no país, para lançar episódios ainda "não pesquisados".

Aprendemos muito e humildemente com os nossos colegas do CICOANI, de Belo Horizonte, que em muitas oportunidades nos chamaram para presenciar e participar das suas pesquisas.

3ª — Não deveria o ufologista aferir a credibilidade de um relato ufológico, em relação aos padrões de uma tecnologia terrestre (inferior à dos extraterrestres). Compreende-se que isso tenha acontecido há 20 anos passados, mas os ufologistas de hoje não deveriam mais bater nesta tecla. Para a avaliação de um relato, é mister que se avalie primeiro a credibilidade de uma testemunha. Embora nisso procuremos demonstrar a nossa atual conduta, acreditamos que muita coisa daqui em diante ainda se possa fazer.

Somos contra os testes dramáticos. Entretanto, se forem usados, deve o pesquisador, no término, esclarecer a testemunha que "aquilo só foi um teste", sob pena de a deixar intimidada, ou então emudecida. É isto, aliás, que os políticos desejam. É aí então que, entre os pesquisadores, "o lobo tira a pele" e se faz reconhecer.

7 TRIPULANTES DE DISCOS VOADORES TESTAM SOCIEDADE TERRESTRE?

REVISÃO

Há 7 anos atrás, no Boletim nº 55/59, pg. nº 13, a SBEDV publicou este título interrogativo de um relato do médico Dr. Jerônimo Rodrigues Moria, no dia 29 de abril de 1962. O médico era plantonista no hospital da Barra da Tijuca, subúrbio da zona sul do Rio de Janeiro, e observou o seguinte fato incomum:

Entre as 12h e 12h30m do dia referido, socorrera nos arredores, com ambulância, 5 casos de "mal súbito" todos parecidos entre si: a pessoa sofria um desmaio, mas se restabelecia rapidamente, na maioria das vezes antes de chegar a ambulância. Em alguns casos este desmaio foi presenciado por pessoa que se achava em companhia da vítima. Quando o Dr. Jerônimo recolheu a ambulância ao hospital que fica frente ao mar, viu, a uns 70º acima do horizonte do mar e uns 30º para o sul, um corpo "alongado, metálico e brilhante, como alumínio, parado no ar ou com pouco movimento" que interpretou como sendo um helicóptero. Cinco minutos depois, quando novamente procurou localizar o corpo celeste, este não era mais visto. E seria coisa incomum, para um helicóptero, poder se afastar despercebido, tendo em vista:

- a amplidão do horizonte em frente ao hospital,
- a Pedra da Gávea, atrás, com apreciável altura de 600m

Nas semanas precedentes ao fato, diversas equipes médicas daquele hospital haviam presenciado atividades de Discos Voadores

nos arredores, conforme relatado em Boletins SBEDV: "DV visto por médicos, na Pedra da Gávea e no Morro do Marisco" (Boletim nº 54-pg.17); "Nova visita de DV à Pedra da Gávea" (Boletim nº 55/59-pg. 13). Considerando-se isto, iniciou-se entre os médicos, no refeitório, naquele dia, um vivo debate em torno do inusitado evento.

Na ocasião, opinou a SBEDV, no seu Boletim, que os males súbitos pudessem ter sido causados por emissão seletiva de raios energéticos contra certas pessoas escolhidas pelos DV. Essas pessoas seriam como que cobaias de testes fiso-psicológicos representados pelos desmaios e os socorros que em seguida lhes eram prestados.

Em relação a uma cegueira temporária no guarda Almiro Martins Ferreira, provocada por feixe luminoso emitido por DV no incidente da represa hidrelétrica do Funil, foi feita uma revisão do assunto pelo relato do caso no Boletim nº 74/79, págs. 24 e 25. Em consequência da emissão desses raios energéticos, além da cegueira temporária de Almiro, houve também desmaios e/ou paralisias ou rigidez muscular, conforme citamos em outros Boletins, como sejam: Boletim nº 10 com referência ao caso de Luiz Henrique da Silva; Boletim 42/44 com referência a dois casos na cidade de Itaperico (I.A.A. e Luiz Gonzaga do Carmo); Boletim 62/65 com referência ao caso de Sagrada Família; Boletim 66/68 com referência a Toribio Pereira; o livro "DV, Utopia ou Realidade" com referência a A.Berlet. Publicamos também, casos de distúrbios neuro-vegetativos, no Boletim 45/47 com referência a Filomeno B. de Oliveira e no Boletim 66/68 com referência a Maria José Cintra.

Ainda no 1º episódio ufológico de Onílson (Boletim nº 94/98), referimo-nos ao aparecimento de um foco luminoso que deixara transparentes as partes focalizadas do seu automóvel, como que alguém quisesse vasculhar o seu conteúdo (Obs. da SBEDV: à procura de uma arma na pasta ou porta luvas do carro de Onílson?). No Boletim nº 36/38, pág. 1, citamos o aparecimento de uma luz observadora que percorria o quadro negro de uma sala de aula, e outros utensílios, quando focalizou uma aluna. Isso aconteceu há 16 anos atrás, numa escola pública na cidade de Paraíba do Sul (Estado do Rio de Janeiro). Na ocasião, quando professora e alunos foram para o pátio externo, ainda puderam observar uma bola que, em voo relativamente baixo e movimento helicoidal, afastava-se da escola. (Obs. da SBEDV: seria uma estação teleguiada intermediária do DV, para a emissão da luz que espionava?).

Em 1962 e 1965 a SBEDV descreveu então, nos seus Boletins nº 45/47 pág. 9 e nº 69/70 pág. 114, a invasão de objetos voadores alongados pelas janelas de apartamentos no Rio de Janeiro, nos bairros da Urca e do Largo do Machado. No primeiro dos casos citados, o objeto provocou, na sua passagem pelo apartamento, a inutilização de lâmpadas elétricas por aproximação demasiada.

Anos atrás, a SBEDV projetou no ex-clube-inapiário (no Rio de Janeiro), numa sessão muito concorrida, um filme colorido feito pelo falecido pesquisador George Adamski. Numa das cenas via-se um pequeno Disco luminoso, de uns 10 a 20cm de diâmetro, que erráticamente se movimentava entre a folhagem de Palomar Gardens, então residência de G.A. Este explicou que se tratava de um teleguiado que fazia telemetragem dos ambientes, enviando informações a um DV a longa distância.

No Boletim nº 94/98, pág. 16, com relação ao caso do seqüestro de Bebedouro (M. Gerais), citamos a observação do soldado José Antônio da Silva que, já de volta à sua casa em Belo Horizonte, numa noite, observou o seguinte, conforme as pesquisas do CI-COANI (Prof. Húlvio B. Aleixo): "... um foco de luz amarelada, descendo em sua direção sem fazer ruído, diminuiu sua marcha e parou a uns 10m de distância, passando a fazer pequenos movimentos verticais e laterais, a alguns metros do solo. Tinha forma esférica, diâmetro aproximado de 30cm e parecia estar sendo dirigido por alguém, apesar de não ser um aparelho como o que vira antes e no qual viajara. Após alguns minutos a bola luminosa se afastou, subindo para a mesma direção de onde viera".

A LOCALIZAÇÃO INSTANTANEA DE UMA PESSOA, NO PROCESSO DE TELEMETRIA EXTRATERRESTRE

Treze dias depois do seu seqüestro na cidade de Bebedouro, a uns 50km de Belo Horizonte, o mesmo soldado estava deitado em sua cama, na noite do dia 21 de maio, quando "... cerca de meia noite ... teve o súbito impulso de dirigir-se ao quintal, para cuidar de suas cabras. Qual não foi sua surpresa ao encontrar 3 homenzinhos em seus uniformes de voo, imóveis no quintal, a olhar para ele. Numa reação automática, entrou em casa e trancou a porta, sem falar ou ouvir ... "

Os dois fatos assinalados demonstram aparentemente as facilidades em recursos técnicos que os extraterrestres possuem para relocalizar uma pessoa em qualquer parte. Desconhecemos a maneira pela qual isso é obtido: se pela captura e localização de ondas individuais mentais ou daquelas de uma irradiação de aura tipo Kirlian. Também em Itaperuna (ver Boletim nº 85/89, pág. 15), Paulo Caetano teve um encontro com uns tripulantes de um DV numa estrada a uns 10km da cidade, e, 18 dias depois foi revisitado pela mesma equipe, à noite, no quintal de sua residência, dentro da cidade.

CIPEX e GENA

2004

O CASO ONÍLSON E A ESCALADA DO "TESTE"

Agora, no caso de Onílson, houve uma relocalização do mesmo, 11 meses e 4 dias após seu 1º encontro com um DV, e isso de noite, numa estrada, com o seu automóvel em movimento. Isso faz supor que os extraterrestres dominam perfeitamente o jogo da localização de uma pessoa, para um "teste", e o fazem quando lhes parece que seja o momento propício. De fato, Onílson foi então submetido a vários testes cujos sentidos fogem (Obs. da SBEDV: por enquanto) à nossa compreensão.

Longe disto constituir uma frustração para o estudioso, deve ele procurar focalizar os ângulos para nós perceptíveis, que são, em nosso entender, os seguintes:

1º) No período de 1957 a 1958, teve-se conhecimento de 149 casos de sobrevôos de DV, no Brasil, havendo uma porcentagem de 2% de casos de avistamento de tripulantes. Em 1970, quando a nossa série de sobrevôos (conhecidos em 12 anos: de 58 a 70) alcançou 504 casos, os de avistamento de tripulantes haviam aumentado em aproximadamente 8%.

2º) Nesses 12 anos de observação conhecemos 40 casos de avistamento de tripulantes, e em 21 dos casos houve uma aproximação entre terrestre e extraterrestre. Em 9 desses 21 casos foi a iniciativa por conta do extraterrestre e à força.

3º) Nos 40 casos referidos houve 21 de comunicação, sendo 3 por telepatia: Boletim nº 4 com referência ao professor Freitas Guimarães; Boletim nº 69/70 com referência a Wilson Gusmão; o livro "Num DV visitei outro Planeta" com referência a Antonio Rossi. Em 9 casos a comunicação foi por sinais; em 5, por língua conhecida e em outros 5, tentada uma comunicação por língua desconhecida.

4º) Em 7 desses 40 casos, o contato de terrestre e extraterrestre foi demorado, variando porém o tempo. Cerca de 45 minutos, no caso de Dr. Freitas Guimarães. Várias horas, nos casos de Vila Operária e Dirce Góes (Boletim 74/79), e no caso Vilas Boas (Boletim 90/94). Vários dias, nos casos de José Antonio da Silva (Boletim nº 94/98), Artur Berlet (livro "DV da Utopia à Realidade") e Antonio Rossi (livro "Em um DV visitei outro Planeta"). Alguns meses, no caso de Mário Restier (Boletim nº 60/61).

5º) Em 5 desses 40 casos, foi deixada uma mensagem para a nossa humanidade (casos de Wilson Gusmão, Dr. Freitas Guimarães, Antonio Rossi, Artur Berlet, Mário Restier e talvez ainda no caso de Paulo Caetano).

6º) Houve repetição de contato com o mesmo terrestre, em 5 desses 40 casos: Wilson Gusmão, Luiz Henrique da Silva (Boletim nº 10), José Antonio da Silva, Paulo Caetano (Boletim nº 85/89) e Mário Restier (Boletim nº 60/61). Agora tivemos o 2º contato de Onílson Patero, que representa pois o 6º caso de "contato repetido".

CIPEX e GENA 2004

As nossas conclusões são estas: estamos sendo perscrutados em escala crescente pelos extraterrestres. A conclusão diferente chega o ex-ufólogo do projeto "Blue Book", Dr. Allan Hynek, porquanto, à pág. nº 30 do seu livro "The Ufo Evidence" (Abelard-Schuman - 1972), diz: "... os tripulantes quase nunca fazem tentativa de comunicar-se ... pelo contrário, o encontro é, invariavelmente, uma única experiência ... fogem, entram nas suas naves e levantam voo, para desaparecer. Não parecem ter mensagens para a humanidade, a não ser o pedido para os deixar sossegados ...".

Para complementar o raciocínio do Dr. Hynek, gostaríamos de mencionar aqui o seu comentário referente a um artigo do ufólogo Donald Keyhoe, no "Christian Science Monitor" de 21.12.73, onde Keyhoe propõe a fabricação de armadilhas para atração dos extraterrestres: seriam construções em forma de Discos Voadores transparentes localizados em desolada região do Texas. Essas construções então seriam telemetradas pelos terrestres a distância, por meio de um circuito fechado de TV.

A Flying Saucer Review, no artigo "Cosmic Zoology" (outubro de 1974), transcreve, a respeito do comentário do Dr. Hynek, que o projeto deveria ser executado, em segredo, para "protegê-lo da ridicularização pelo público".

Achamos, entretanto, que a preocupação do Dr. Hynek (e que ele quer esconder do público), é o fato de que já há muitos contatos entre "civis" (terrestres) e extraterrestres. O que a política agora deseja, é estabelecê-los em esfera "governamental" ...

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CASO ONÍLSON

Se considerarmos que houve uma telemetria de Onílson antes do primeiro episódio (por meio da caixinha dourada que o carona segurava na mão durante a viagem - Boletim nº 94/98), e se imaginarmos que os extraterrestres souberam localizá-lo com maior facilidade no segundo episódio, então, poderemos supor que eles também teriam telemetrado Onílson após sua descida do DV em Colatina, testemunhando assim a sua recepção naquela cidade, a sua hostilização posterior pela pesquisa política, etc.

Assim, o caso Pattero não constituiria apenas um teste de um indivíduo terrestre, pelos extraterrestres, mas também de toda uma sociedade que com ele convivesse. Isto, naturalmente, são especulações. Talvez que os desenvolvimentos futuros tragam provas disto, para o leitor.

Ainda, com referência ao fato, lembramo-nos de um comentário do professor Húlvio B. Aleixo, quando indagamos da razão da ordem rude que o tripulante do DV pronunciou, em português, para a testemunha do "caso da Baleia". Achou o pesquisador do CICOANI que aquela ordem poderia servir para provocar uma reação da sociedade terrestre e, que sem que esta percebesse, era em seguida telemetrada, constituindo isso uma espécie de "teste psicológico dramático" dos extraterrestres.

INTERPRETAÇÕES

Muito se tem falado a respeito das razões da vinda dos extraterrestres. Uma vez que estas vindas, praticamente, só começaram há uns 25 anos para cá, achou-se, e com razão, que o surto de desenvolvimento da moderna tecnologia terrestre, como radar e bombas A e H, estivessem relacionados com isso. Ainda se menciona (e deixamos o julgamento para o leitor) que, paralelamente, a estagnação de 3.000 anos do nosso desenvolvimento ético-social terrestre criaria um impasse para a nossa civilização, com soluções imprevisíveis.

Vamos lembrar ao leitor mais uma prova de que os extraterrestres têm a capacidade para "dar direitinho os seus recados". Trata-se da mensagem captada mentalmente e escrita em estado de sonambulismo pelo baiano Hélio Aguiar, que momentos antes havia batido várias fotos de um DV que se aproximava em voo baixo. A mensagem foi em português chocante para as poderosas nações que em abril de 1959 (data do episódio) testavam o seu arsenal nuclear. A mensagem recomendava parar com os testes, que eram perigosos para a Terra e o Espaço Iver também O Cruzeiro de 13 de junho de 1959 e Boletim SBEDV nº 24/25 pg. 31.

Em maio de 1968 Iver Boletim SBEDV nº 66/68, pág. nº 83). o morador de uma casa modesta, na cidade de Caconde, Estado de São Paulo, achou um objeto estranho em forma de cilindro com uns 15 cm de diâmetro e uns 17 cm de comprimento e de peso aproximado ao de um dínamo de automóvel Chevrolet (Obs: dimensões e peso conforme avaliação, a sentimento, da própria testemunha). Havia 2 escalas no cilindro, com 5 graduações assinaladas em algarismos arábicos ao lado de sinais desconhecidos. Vinte horas depois de achado e guardado dentro de casa, o artefato elevou-se pelos ares, em direção às alturas, como se fosse em obuz, perfurando o telhado havendo porém um prenúncio sob forma de forte irradiação de luz e calor.

Ao nosso ver, as manobras de um artefato com cifras em arábicos demonstram que o "teste da Terra pelo Espaço" encontra-se em estágio mais avançado do que suspeitamos.

Entretanto, gostaríamos de ventilar, em seguida, três hipóteses básicas, que o leitor poderá considerar se e que já não o fez.

1ª) Talvez por se originarem de civilizações muito mais antigas que a nossa, algumas das raças extraterrestres tenham acumulado mais experiência útil no indivíduo e alcançado um desenvolvimento de grau avançado, centenas ou até milhares de anos à frente do nosso. O homem terrestre, diante deles, compararia-se no nível de um cão em relação ao seu dono (confronto usado por um clérigo norte-americano e publicado pela revista "Time").

2ª) Nós, os "pequenos" terrestres, nos últimos anos (e até o dia de hoje) aparentemente, não aprendemos ainda como abordar o problema dos testes que os "grandes" extraterrestres fazem com a Terra. Pelo contrário, o problema é um tabu político até hoje envolvido pelo segredo e pela censura, como ainda há pouco nos assegurou um colega muito versado neste campo.

3ª) Este estado de coisas constitui um "vácuo político" que bem se poderá transformar numa armadilha para nós mesmos, especialmente se considerarmos que o "teste" talvez faça parte de uma espécie de "xadrez" que os extraterrestres estariam jogando com os políticos terrestres.

Este "vácuo" já poderia estar sendo considerado neste jogo, para o qual os extraterrestres dispõem de muito mais tempo do que os partidos políticos e grupos econômicos terrestres, de duração "delimitada".

B - A HIPNOSE NA UFOLOGIA

HISTÓRICO

A ufologia moderna existe há mais de 20 anos. Entretanto, o 1º episódio que se conhece, com aplicação de hipnose em ufologia, foi o caso de Barney e Betty Hill (Estados Unidos), que em 1961 tiveram um contato com tripulantes de um DV. O episódio ufológico, em ambos os protagonistas, ficou encoberto pela amnésia. Em consequência disto, o casal teve um distúrbio psicossomático (ou mental), necessitando os serviços de um psiquiatra que nesse caso foi o Dr. Benjamin Simon, de Boston (USA).

A aplicação da hipnose regressiva, nos protagonistas, em separado, curou o casal. Pela coincidência dos relatos de ambos, o hipnólogo ficou impressionado e, em tese, admitiu o fato de ter

havido um episódio causal para isso (ver também revista Manchete, de 29.10.66 e 5.11.66; The Ufo Investigator — NICAP, de abril e setembro de 1972; e Boletim SBEDV nº 94/98, figura nº 28).

Obs.: Recentemente, quando esse psiquiatra foi indagado de "como reagiriam os terrestres, se um dia se vissem na contingência de um contacto com seres extraterrestres" (artigo de Bernie Ward em "The Enquirer", segundo UFO Contact, Dec. 1974), respondeu que "... pelas informações do mundo, sobre viagens espaciais e comunicações a respeito de Ufos, a maior parte dos homens aceitaria facilmente esta notícia" (de um contato com seres extraterrestres).

ATUALIZAÇÃO

Recentemente tornaram-se conhecidos mais dois casos, de contatos de testemunhas terrestres com tripulantes de Discos Voadores, nos quais usou-se a hipnose regressiva nas testemunhas (O Globo-Rio, 16.10.73).

Foi no caso do argentino Dionísio Llanca, motorista de caminhão na cidade de Bahía Blanca. Sua memória ficou afetada pela amnésia quando de seu contato com extraterrestres. Num hospital argentino, foi submetido à hipnose regressiva pelos médicos Eladio Santos e Eduardo Matas. Assim, voltaram para a consciência da testemunha os momentos que a mesma conviveu com extraterrestres.

Nos Estados Unidos foi o caso de dois pescadores, Charles Hickson e Calvin Parker, da cidade de Pascagoula no Estado de Mississippi, que atraíram a atenção dos ufologistas Allan Hynek e Charles Harder. Em consequência do encontro das testemunhas com tripulantes de um Disco Voador, o Dr. Harder praticou nos dois pescadores a hipnose regressiva aparentemente para testar a credibilidade das testemunhas. Havia uma coincidência entre os relatos feitos em consciência e aqueles feitos sob hipnose. No entanto, as atas dessas sessões até agora não foram publicadas em qualquer dos Boletins ufológicos que se prezam.

A nosso ver, no Brasil, a hipnose terá sido usada na ufologia, pela primeira vez, por ocasião do "Incidente com um DV na Represa do Funil" (descrito no Bol. SBEDV nº 74/79, pág. 17 a 28). Em referência a isso, fizemos considerações naquele Boletim, nas páginas 24 e 25, sobre a possibilidade de uma superposição de traumatismo psíquico (histeria?) a um traumatismo físico anterior ocasionado pelo raio do DV, dirigido contra Almiro, o guarda noturno da represa.

Em 20.11.70, a convite do médico Orlandino da Fonseca (que tratou do guarda, pela hipnose, no hospital da Cruz Vermelha), estivemos presentes a uma reunião da Sociedade de Hipnose, onde infelizmente o guarda, apesar de convidado, não compareceu.

Houve opinião geral, naquela reunião, de que o episódio relatado pelo guarda Almiro teria sido de natureza alucinatória. Entretanto, o Dr. Orlandino comunicou que houve coincidência entre os relatos do guarda: em consciência e em hipnose regressiva.

A POLÍTICA ENVOLVE A UFOLOGIA

O fato mencionado no item anterior, junto a outros três fatores a serem relatados a seguir, excluem, em nosso modo de pensar, a hipótese de que a vivência do vlgia da represa fosse apenas de natureza alucinatória:

- 1º — O chefe de segurança da represa, superior hierárquico de Almiro, afirmou na reunião, à guisa de um comentário, que fora feita uma inspeção do local apontado pelo guarda Almiro como sendo o da localização do Disco Voador. Pelas modificações que apresentava o cimento, indubitavelmente havia o local sido exposto a alguma coisa estranha.

É interessante observar que estes dados chegaram também aos círculos da pesquisa estrangeira, a qual, por incrível que pareça à primeira vista, possui conheci-

mento pormenorizado sobre o que aqui se passa em relação ao fenômeno DV. Para corroborar estas nossas palavras, vamos citar (tradução) um trecho do livro "Proceedings of the UFO Symposium" — 23/1/71 — Baltimore — USA, da APRO — (Aerial Phenomena Research Organization), onde à pág. 16, a Diretora Coral Lorenzen diz que: "... havia uma prova de que o objeto (UFO) tinha estado no local, porquanto o cimento ali ficou pulverizado e ainda contendo várias e inexplicáveis perfurações...". A propósito, e a título de comparação, citamos também ao leitor o fato de que, na ocasião, o presidente da SBEDV tentou ir ao local, para pesquisar, mas foi interpelado (amigavelmente) no sentido de que poderia entrar para visitar a represa, "desde que seu objetivo não fosse a pesquisa sobre objeto voador não identificado". Deixamos ao leitor a tarefa de meditar a concluir...

- 2º — Ainda, em horário próximo àquele apontado pelo guarda como sendo a hora do episódio ufológico, foram vistas luzes voadoras em lugares vizinhos da represa do Funil.

- 3º — Mais ainda, no Boletim SBEDV 74/79 — pág. 22, manifestamos, na ocasião, que fora vedada a nossa entrada na represa, como estudiosos do fenômeno Disco Voador. Seria franqueada, se excluíssemos completamente da nossa temática o assunto Disco Voador. Foi então a resposta amável e educada que obtivemos de um gabaritado funcionário que nos atendeu nos escritórios de FURNAS.

CIPEX e GENA
2004

A conclusão dessa ilustre assembleia, em relação aos fenômenos ufológicos, tem sua explicação na verdadeira lavagem cerebral que a população tem sofrido devido aos cabeçalhos jocosos ou de dúvida, dos jornais, ao se tratar de notícia de assunto ufológico.

Aliás, esta orientação tem sua origem no sentimento antropocêntrico abraçado especialmente pelas nossas elites. Se porventura, alguém se dispusesse a investigar, pessoalmente, um caso ufológico (o que seria condizente com uma pessoa dotada de honestidade e espírito científico), também seria difícil a sua aferição junto à literatura ufológica, tão entresemeada por notícias contraditórias durante os últimos 20 anos. Seria mister fazer primeiro a revisão do material destes anos, investigando a origem das notícias, especialmente as de contra-informação e de despistamento. Estas notícias são produzidas pelos órgãos políticos, mais numerosos que os próprios órgãos de investigação ufológica.

Ralph Blum, no seu livro citado mais adiante, fez uma comparação: O "ultra segredo" que o governo norte-americano faz na ufologia é comparável com aquele que a Comissão de Energia Atômica fez com o "projeto Manhattan" (de fabricação da 1ª bomba atômica). Esta comissão, aliás, tem um volumoso orçamento destinado ao seu serviço secreto. No Boletim SBEDV nº 81/84 — pág. 230 — item 7, falamos da censura feita por esta Comissão (AEC).

Uma vez que o assunto DV foi assim isolado da população terrestre (com a cooperação de todos os grandes governos), o povo está despreparado para um eventual contacto com civilizações estranhas, mas de "força superior". Devido ao descaso da ciência nossa, não haverá chance para uma evolução da mentalidade terrestre (em direção ao assunto) e, onde não há evolução, logicamente haverá um dia uma revolução.

Como fato paradoxal, é exatamente para evitar este desfecho, que os governos inventaram o "sigilo ufológico"... E a ciência, o que faz? Continua no seu sonho de uma "bela adormecida"...

Conforme a opinião do Dr. Sylvio Lago, professor de medicina e nosso amigo, orientador no campo da hipnose e parapsicologia, também opinamos que a hipnose aplicada à ufologia deveria ficar em mãos profissionais (ou pelo menos por elas assistidas).

Mas nós mesmos perdemos três preciosos anos à procura de um hipnólogo para um dos casos relatados adiante. Das diversas

tentativas, uma foi citada no Boletim SBEDV nº 85/89, pág. 9.

Reportemo-nos agora ao livro (de Ralph Blum) "Beyond Earth - Man's Contact With UFOs" - Bantam Book - 1974 - pág. 107 a 121: Ali está descrito o caso do policial Herbert Schirmer, da cidade de Ashland (Nebraska - USA). O relato demonstra que o médico hipnólogo, empregado pela Comissão Condon (caso 42 - pág. 389-91 - "Scientific Study of UFOs"), não protestou contra esta comissão, que publicou, como resultado, que a experiência de Schirmer "não tivesse sido real". Entretanto, o Dr. Leo Sprinkle, hipnólogo de Condon, admitiu, no seu relato sobre a hipnose regressiva de Schirmer, que "... novos dados foram obtidos em relação ao encontro".

Este encontro referia-se a um DV avistado por Schirmer, que na ocasião não pôde dar conta das suas ações durante uns 20 minutos. Foi então que o hipnólogo Loring G. Williams trouxe à tona para o público todos os lances interessantes da estada de Schirmer dentro do DV, onde foi também submetido a interrogatórios e lhe foram dadas algumas explicações (pág. 109 a 121 do livro de Ralph Blum).

Sendo Sprinkle interrogado por Ralph Blum, confirmou então, de fato, a validade do relato de Schirmer (ver pág. 120 do livro).

Temos a impressão de que, na discussão do caso Almiro, poucos (ou nenhum) dos hipnólogos presentes souberam da existência desse Comitê Condon, cuja função, de saída, era de um "magno" despistamento, pois suas pretensas "pesquisas" estavam acobertadas pela "ciência". Na realidade, os resultados das "pesquisas" já estavam prefixados por um memorando (de Robert Low). Deste modo, converteriam, o trabalho e a verba do Comitê Condon, em uma fraude com proporções colossais. Num eventual futuro, "Watergate ufológico" isto ainda será discutido completamente, a bem da verdade.

Foi o historiador aeronáutico inglês, Sir Charles Harward Gibbs-Smith, que expôs com muita clareza este assunto, na "Flying Saucer Review" de julho/agosto de 1970, no artigo "Uma questão de integridade moral" (ver também Boletim SBEDV nº 80 - pág. 217). O objeto investigado pela "Comissão" ... "não seria mais o fenômeno FÍSICO do Disco Voador, mas somente os aspectos psicológicos e sociológicos das pessoas e grupos arrolados como testemunhas ..."

Infelizmente, como complicação maior ainda, os "ingênuos cientistas" que desejam tornar-se novos ufólogos, nas suas buscas de informações, dependerão das sociedades ufológicas. Destas, umas são a favor da política e do segredo; outras são contra (como a SBEDV) e constituem a minoria.

Assim, por exemplo, o recente (1974) Colóquio Ufológico de São Paulo, no folheto do programa, estampou uma homenagem póstuma ao prof. Dr. Eduard G. Condon (que chefiou a vergonhosa farsa do citado "Comitê Condon"). Na última página do programa, delicadamente, delineava-se o histórico do entrelaçamento entre a política, o segredo e algumas das Sociedades ufológicas paulistas.

Isto representa, sem dúvida, um panorama bastante sombrio para a ufologia brasileira, sob o ponto de vista de "pesquisa pura"...

DELIMITAÇÃO DO USO

Com estas preocupações na mente, já em 1965, fizemos as seguintes recomendações (ver Boletim SBEDV nº 62/65 - pág. 58 item nº 24):

1º - Que não se recorra ao uso da narco-análise, nem hipnose, nas pesquisas ufológicas (pág. 48: "por não se apresentarem completamente inócuos e por terem aspectos inquisitórios medievais, estes métodos não servem para fortalecer a opinião pública em relação à validade das testemunhas ...").

2º - Que só se faça uso destas armas do arsenal terapêutico, no caso de neurose ou psicose traumática porventura resultante de um caso de contato com DV.

3º - A indicação para tal uso só poderia ser feita por uma junta de 3 médicos, sendo nenhum deles ligado ao campo da pesquisa ufológica. Quando houvesse indicação formal para o uso de tal terapêutica, esta poderia então ser assistida por um ufologista, se assim o "paciente permitir".

Essas recomendações foram baseadas no receio de que um ufologista político, usando a hipnose regressiva numa testemunha, pudesse dar a ela ordens pós-hipnóticas, com a finalidade de silenciar eventuais futuros comentários a respeito de importante episódio ufológico.

Reconhecemos, entretanto, que a hipnose, utilizada criteriosamente e honestamente, pode constituir uma poderosa alavanca positiva no estudo ufológico.

Assim sendo, compreendemos o uso da hipnose como arma terapêutica, no caso do casal Hill (antes citado) e nos casos de amnésia pós-ufológica, para recuperar as lacunas deixadas na memória da testemunha. Neste último sentido, de 1971 para cá, houve diversos casos na ufologia brasileira (ver Boletim da SBEDV nº 85/89 pág. 5 a 22). Em 1974 (ver itens nºs 8, 9 e 10 neste Boletim), o médico e professor universitário, Dr. Sylvio Lago (Praia de Icarai nº 371, apt. 1302, Niterói, Estado do Rio de Janeiro), como experimentado hipnólogo que é (está no seu 2º milheiro de hipnoses), socorreu-nos e amavelmente dedicou o seu precioso tempo à hipnose regressiva em dois pacientes: Benedito Miranda (ver o relato no Boletim SBEDV nº 85/89 e item nº 10B, neste Boletim) e Onilson Paterno (ver relato no Boletim nº 94/98 e item nº 98 neste Boletim).

Sendo o Dr. Lago um profundo conhecedor da parapsicologia, e membro de Sociedades Mundiais nesta especialidade, foi promissora a sua entrada no campo da ufologia, em 1971, no Congresso paulista (ver Boletim nº 85/89, pág. nº 21).

Se é formal a indicação da hipnose regressiva nos casos antes citados, isto já não acontece em outros episódios ufológicos, a não ser para enriquecimento de dados ou confirmação do relato ufológico feito em estado consciente. Também, sabemos quão raro é o caso de profissionais hipnólogos que se interessam pela ufologia, uma vez que esta ainda não foi aceita pela grande maioria da Sociedade terrestre.

Para avaliação da credibilidade de um relato ufológico, tendo em vista a qualidade e a facilidade de acesso, recomendamos a orientação que vem sendo proposta, desde o início (1954) da ufologia brasileira, pelo psicólogo e pesquisador Dr. Húlvio Brandt Aleixo. Ele é fundador do CICOANI (Centro de Investigação Civil de Objetos Aéreos Não Identificados - Caixa Postal 1675 - Belo Horizonte) e suas recomendações encontram-se também publicadas nos seguintes Boletins SBEDV: nº 60/65 - especialmente pág. 43 e 45; nº 85/89 - pág. 27 a 35.

Infelizmente, muitos dos "pesquisadores", ao invés de se mobilizarem em penosas caminhadas ao local do episódio ufológico, e aplicarem os simples e eficientes métodos propostos pelo professor Húlvio, preferem a comodidade das suas espreguiçadeiras e o jogo de "acho ... não acho"; ... acho ... não acho".

Para julgar a credibilidade de uma testemunha nesse caso, se deveria levantar o perfil da personalidade da mesma: o seu nível de inteligência (quanto mais baixas a instrução e inteligência, maior a credibilidade de um complicado episódio ufológico); o passado de sua saúde mental livre de "visões", livre de ataques de amnésia e epilepsia, livre de traços de egocentrismo ou paranóia, com bom relacionamento com a sua família e sociedade, etc.

CIPEX e GENA RECOMENDAÇÕES PARA APLICAÇÃO 2004

1º - Muito embora alguns ufologistas possam discordar, achamos que o relato de um episódio ufológico, obtido em sono hipnótico, deveria ser publicado na literatura específica, porém com o consentimento do envolvido e expurgado de detalhes da vida particular do mesmo.

29 — Sabemos que há um bom número de pessoas portadoras de um EEG (eletroencefalograma) anômalo (com disritmias), e que entretanto não é acompanhado por manifestações clínicas (ataques de epilepsia e de amnésia). Desta maneira, quando uma testemunha ufológica é encontrada nestas condições, achamos que se deveria considerar o seu relato obtido sob hipnose regressiva. Segundo o Dr. William P. Wilson, no livro "Application of an EEG in Psychiatry" — 1965 — pág. 97, é de 1,5 a 3% a percentagem de pessoas clinicamente normais e que ainda assim apresentam um EEG com disritmia ("positive spikes").

39 — O Dr. Sylvio Lago, conforme exposição em Congresso paulista (ao qual não assistimos) de 30 de novembro a 1º de dezembro de 1974, ventilou a hipótese de que "os extraterrestres pudessem estar interessados especialmente em pessoas com EEG com disritmias, por serem estas pessoas em geral bons objetos hipnóticos e ... não raro, dotadas de percepção parapsicológica".

49 — Não se deve dar publicidade a um EEG anômalo, por um ufologista, porque isso poderá ter graves consequências para a vida particular da pessoa envolvida, já atormentada pela política terrestre hostil a qualquer contato com seres extraterrestres.

A título esclarecedor, devemos divulgar que, no passado, nos foi relatado um caso no qual um ufologista político tentou silenciar uma testemunha (de contato com tripulante de DV), usando ameaças e argumentos ao estilo do que esboçamos em linhas anteriores.

9 — A HIPNOSE DE ONILSON PATERO

9A — INTRODUÇÃO

No dia 1.7.74, foram feitas 3 sessões, inclusive a reunião preparatória (assistida também pelos Drs. Walter Buhler e Guilherme Pereira — da SBEDV), perfazendo o total de 8 horas de tentativas do hipnólogo Dr. Sylvio Lago, com técnicas diversas de indução.

Onilson demonstrava grande ansiedade e boa vontade para fazer a hipnose. Mas aconteceu que entrava em estado superficial de hipnose e, quando o médico tentava aprofundá-la, Onilson "inibia" bruscamente, e saía do estado inicial com evidente ansiedade, embora deplorando o fracasso, insistindo por nova indução. A mesma coisa aconteceu no 2º e 3º atendimentos.

Na 3ª sessão, em 3.7.74, (descrita no item 9B) houve nova motivação e cooperação nos primeiros passos. Mas logo no início da hipnose, houve um evidente bloqueio. Ora com passagem ao sono fisiológico, havendo perda de "raport" (relacionamento entre hipnotizador e paciente); ora com desinibição rápida, voltando à vigília com evidente ansiedade.

Acusava decepção, insistindo em nova tentativa.

Havia certa "ausência", quando despertava.

A título de complementação: Onilson foi submetido a três tentativas de hipnose regressiva em relação ao seu primeiro episódio ufológico. A primeira vez em São Paulo, pelo Dr. Max Berezovsky, quando, conforme comunicação verbal do Prof. Guilherme Wirz, Onilson teria citado o nome de Olegário (que também surgiu na sessão do Dr. Sylvio Lago — ler item 9B). A 2ª vez, com resultado negativo (ou saía do sono hipnótico, acordando assustado, ou passava para o sono fisiológico), foi em Catanduva entre 26 e 27 de fevereiro de 1974, por tentativa do Dr. Anuar Abud Vitar. A 3ª tentativa, feita pelo Dr. Sylvio Lago, está descrita no item 9B (o Dr. Lago não tentou abordar o 2º episódio de Onilson).

Em relação ao 2º episódio foram feitas diversas tentativas de hipnose em São Paulo, pelo Dr. Max Berezovsky, tendo Onilson ficado à disposição da pesquisa, de 4ª feira, (dia 15.5.74) até 2ª feira (dia 20.5.74). Houve, parece, um mal entendido por parte

de Onilson, pois na noite de 6ª feira (17.5.74) faltou a uma apresentação com autoridades militares, conforme arranjo do Dr. Berezovsky. Talvez que por este fato os pesquisadores paulistas ufológicos tenham ficado ressentidos com Onilson.

9B — DESCRIÇÃO

Descrevemos neste item o relato que, em relação ao seu 1º episódio ufológico, Onilson Patero fez em 3.7.74, em estado de hipnose regressiva induzida pelo Prof. Dr. Sylvio Lago. Este fez a gravação da qual pudemos extrair as perguntas e respostas a seguir arroladas.

Abreviações:

"L" — pergunta do Dr. Lago

"O" — resposta de Onilson

(...) — expressões entre parênteses foram introduzidas por nós, com o fim de um maior esclarecimento ao leitor.

L — Saúde é boa? Em casa todos bem?

O — ... uma série de problemas ...

(Evidentemente refere-se Onilson ao problema financeiro, uma vez que a família teve de fazer dívidas com as despesas imprevistas das buscas e perda de dinheiro. Também surgiu o problema de uma denúncia de um delinqüente comum, preso pela polícia, que envolveu o nome de Onilson.

L — E aquela viagem? uma novidade a mais ... ?

O — Em ... de maio, às 3 horas e 8 minutos ... os exames ... (falando pausado e apenas "audível") ... foram contrários ... minha saúde e temperamento ... não estavam de acordo na época ... (tendo o Dr. Lago feito encorajamentos constantes a Onilson, para que este continuasse nas suas explicações). ... estão aguardando mais ... estão aguardando ... com medo de (eu) ter um choque ... estão aguardando para (eu) ser preparado ... mais um pouco ...

... estão com medo de fazer a travessia comigo ... de (eu) tomar um choque ... (incompreensível) crencou (?) ... (incompreensível) ... escapa de (incompreensível) ... Edron (?) ... (incompreensível) ... mais negativa ... (incompreensível) ... positiva ... substância (incompreensível) ... de nós (incompreensível) ... perdesse ... o tempo do meio ...

L — Como está o dia 22 de maio de 1973?

O — Muita chuva ... chuva tremenda ...

L — Amanheceu bem este dia? Estava bem?

O — Não!

L — Como que foi (então) o episódio?

O — Ficou determinado ... que nós íamos fazer a travessia ... mas Olegário depois determinou que não era possível sair ... não conheciam ainda ... (falando sempre devagar, pausadamente, sendo sempre animado pelo Dr. Lago a prosseguir no seu relato) ...

... não conheciam ainda ... ainda não foi feita bem ... a pesquisa não conhecendo meu grau ... passado ... temia (m) ... um choque ... (incompreensível) na travessia ... aquele pendão ... a travessia do 1º pendão ... do sistema do Edron (?) ... (incompreensível) ...

L — O que? Da aeronave? No sistema do Edron? Não estou entendendo! Você está falando de que?

O — Do sistema do Edron!

L — Como? E daí?

O — (Agitando-se) ... (incompreensível) ...

CIPEX e GENA
2004

- L — Calma! Calma! ...
 O — É cedo ainda ...
- L — Para que (é cedo ainda)?
 O — É cedo para entrar ... (incompreensível) ... este círculo ...
- L — Quando é que você pode dar (as informações)? Não teve ordens para falar? É isso?
 O — É cedo para entrar (incompreensível) (ficando agitado)
- L — Fique calmo! Você está calmo! Não quer mais falar? Quer descansar?
 O — (sussurrando) ... quero descansar! ...
- L — É cedo para falar?
 O — É cedo ainda!
- L — Mas depende de uma ordem (de alguém)? Como é que é (isso)?
 O — É.
- L — De quem (virá a ordem)?
 O — De Olegário!
- L — Que Olegário? (É) o Alex?
 O — Olegário, meu amigo!
- L — Mas Olegário vai falar? Que papel que ele tem nisso? Por que? (É) ele (que) está com o comando?
 O — É cedo! Porque (ele) controla!
- L — Controla aonde? Na Terra?
 O — Não! Na ocasião (do episódio)!
- L — Não quer que você fale?
 O — É cedo para entrar no círculo ...

CIPEX e GENA 2004

— seguem umas perguntas irrelevantes à matéria e portanto aqui não transcritas.

- O — Travessia ... do 1º pendão ... a substância (incompreensível) ... travessia do 1º pendão ... depois o segundo (pendão) ... Olegário ... (incompreensível) ... no dia 22 de maio (1973) ... três horas e 8 minutos ... (o) grande amigo Alex ... me acompanhou ...
- L — Veja se ele é exatamente como (você o) descreveu! Veja bem! O rosto, os olhos!
 O — Sim! (O) rosto redondo-oval ... Os olhos grandes ... azuis ... cabelos aparados ... ombros largos ...
 Obs — Por carta, Onílson nos informou que sua altura é de 1,75m e o seu peso, 68 kg. A altura de Alex seria de 1,80m com um peso aproximado de 75 a 80 kg.
 — A descrição e dados de Onílson, em transe hipnótico profundo, em relação ao personagem Olegário, (aliás, Alex), coincide com aquela fornecida por ele mesmo, um ano antes, em estado de consciência, e transcrita no Boletim nº 94/98 — pág. 36.

9C — DISCUSSÃO

Em vista dos itens nºs 6 e 8, deste Boletim, achamos que o relato, da hipnose regressiva de Onílson, fala por si, dispensando os nossos comentários.

O hipnólogo Dr. Sylvio Lago estuda os aspectos parapsicológicos da ufologia e, em relação ao relato de Onílson, preferiu não concluir, pelo menos por enquanto. Ele gostaria que fizéssemos, pri-

feitos em relação ao caso, em São Paulo, em sessão pública. Quanto a isto já empreendemos uma pesquisa, neste meio tempo, na cidade de Pindorama (SP), conforme exposto no item 6n deste Boletim. Como resultado, conclui-se que são infundadas as denúncias referidas, não passando de mera intriga política.

Entretanto, uma vez que nossas pesquisas foram mais aprofundadas, seja em número de saídas, distâncias vencidas, pessoas entrevistadas ou em comparações levantadas, achamos oportuno publicar agora para o nosso leitor esta segunda parte sobre o caso Onílson. Eventualmente, poderá ser publicada uma terceira parte, se necessário fôr.

Citaremos, a seguir, um trecho da pág. 109 do livro "Beyond Earth ..." (Ralph Blum), sobre o relato, em hipnose regressiva, da testemunha norte-americana Herbert Schirmer. Este relato se assemelha ao de Onílson, na recusa de responder a certas perguntas.

Tudo conforme a transcrição da sessão de hipnose conduzida pelo Dr. Leo Sprinkle, do Comitê Condon, em 13.2.68.

Abreviações: P — pergunta; R — resposta.

- P — Por que aterrissaram em Ashland?
 R — Queriam retirar energia elétrica da linha de transmissão.
 P — Como conseguem isso?
 R — (pausa longa) ... não posso dizer desta vez.
 P — Como funciona o aparelho (voador)?
 R — Ele anula a gravidade.
 P — Como eles conseguem isso?
 R — Não posso responder. Não chegou a hora e nem o local para desvendar isto!

Ainda pela sua semelhança com o caso de Onílson, cabe aqui mencionar um trecho, do recente Boletim da APRO (Julho-Agosto 1974 — pág. 6 e 9), que relata a hipnose regressiva praticada no argentino Lianca (ler item nº 8 deste Boletim SBEDV).

Com referência à permanência de Lianca, durante 40 a 50 minutos, dentro de uma nave espacial, o hipnólogo Dr. Mata informou que a testemunha ainda possuía informações que "eram suprimidas mesmo ao nível do subconsciente" (uma amnésia dentro de outra amnésia), e assim inacessíveis às técnicas dos nossos cientistas. Isto também teria sido asseverado por Lianca aos Srs. Oswaldo Anatistarte e Daniel Cavallaro, Diretores do Centro (argentino) de Investigação de Fenômenos Extraterrestres.

10 — A HIPNOSE DE BENEDITO MIRANDA

10A — INTRODUÇÃO

Em 15.10.74, Benedito foi submetido, pelo Dr. Sylvio Lago, a uma sessão de hipnose, de 3 horas de duração, após um bom "rapport". O paciente respondeu favoravelmente aos testes de viabilidade hipnótica e sugestibilidade, atingindo um grau médio de profundidade.

Na noite seguinte, 16.10.74, Benedito entrou em hipnose sonambólica, induzida pelo Dr. Lago, sendo o paciente levado à fase regressiva. O objeto em mira era focalizar, uma vez mais, os acontecimentos ufológicos registrados na mente de B. M., em referência à noite de 24/25 de setembro de 1971, encobertos pela amnésia lacunar (ver Boletim SBEDV nº 85/89 — pág. 7).

Colocado B. M. em sono hipnótico, o Dr. Lago fez relembrar as atividades da testemunha junto ao seu caminhão e ao seu carro particular, desde os primeiros dias de setembro de 1971. Isto para testar B. M. no que tange ao arquivamento de memória referente à sua atividade há 3 anos atrás.

Entretanto, por motivo de economia de espaço, aqui só foram registradas as 168 perguntas do Dr. Lago, em relação ao dia 23.9.71, em diante (principalmente a noite de 24 para 25 de setembro).

Com referência às datas contidas no Boletim SBEDV 85/89,

crevemos data incorreta no item nº 3, referente ao episódio de Benedito. O leitor deverá corrigi-la para: 24/25 set.

Também em relação à chegada de Benedito à sua casa, no dia 25.9.71, deve figurar a hora como sendo entre 8 e 9 da manhã (hora fornecida pelo próprio protagonista), e não meio dia (fornecida pela esposa, e que consta na pág. 7 do referido Boletim).

10B - DESCRIÇÃO

Descrevemos neste item o relato que Benedito Miranda fez em 16.10.74, em estado de hipnose regressiva induzida pelo Dr. Sylvio Lago. A sessão foi assistida pelo Dr. Walter Buhler (SBEDV), que também formulou perguntas ao paciente. O Dr. Lago fez a gravação da qual se extraíram as perguntas e respostas a seguir transcritas.

Abreviações:

CIPEX e GENA 2004

L — pergunta do Dr. Lago

W — pergunta do Dr. Walter

B — resposta de Benedito

(...) — as expressões entre parênteses foram introduzidas por nós, com o fim de um maior esclarecimento ao leitor.

1. L — Para onde você vai agora?

B — Cataguazes.

2. L — Passa por onde?

B — Pela mesma linha.

3. L — Que dia é hoje?

B — Hoje é 23 (setembro)

4. L — Que horas?

B — Devem ser mais ou menos umas 11 horas do dia.

5. L — Está com fome?

B — Vou almoçar lá em Sapucaia; Bebedouro é perto — 30 km só. Não vou almoçar não! Vou-me embora (para casa).

6. L — Veja tudo bem claro, com toda nitidez! Tudo o que você viveu. Tudo está gravado aí em seu cérebro, na sua memória...

B — Hoje não vou viajar. (Vou) lavar o carro. Não trabalho mais (hoje), com carro não!

7. L — Muito bem. E agora?

B — Pegue o meu carrinho... Dou uma volta... Estou com vontade de ir até Itaperuna... Não sei...

8. L — Fazer o que lá?

B — Visitar os amigos (e) parentes.

9. L — Onde estão os seus amigos?

B — Itaperuna.

10. W — Que horas são agora?

B — Devem ser umas 4 horas da tarde.

11. W — Ótimo. É uma cidade bonita. Como se chama o rio que passa por lá?

B — Como?

12. W — Como se chama o rio que passa em Itaperuna?

B — (rindo) eh, eh, eh. É o Muriaé!

13. W — Há uma ponte lá (que liga as duas partes da cidade?)

B — Mas não gosto de entrar do outro lado. Fico do lado de cá.

14. W — Chegou à cidade?

B — Já. Estou na casa da minha irmã.

15. W — E a que hora vai embora?

B — Demora, ainda demora... Estou no meu carro... mais tarde.
Não tem pressa, não!

16. L — Aí está bom?

B — Está.

17. L — Está calmo?

B — Muito.

18. L — Que horas são agora?

B — Devem ser umas 8 e meia, 9 horas (da noite). Agora mesmo vou embora!

19. L — Está bem? Vai embora?

B — Agora mesmo vou embora.

20. L — Está na hora de ir embora?

B — Já estou indo.

21. W — Está indo? Na BR?

B — Meu carro está dando um defeito aqui... meu carro tem um defeito!...

22. L — Qual será o defeito?

B — Parou... parou... (ininteligível)... o jeito é de ficar aqui mesmo... vou dormir...

23. L — Veja bem!

W — Já passou a ponte (da BR que cruza o rio Muriaé)?

B — Está aqui uma cerração... não sei que (é) isto. Deixe dormir! Deixe!

24. L — Então há cerração? Muita?

B — Pouquinha.

25. L — Que mais além da cerração?

B — Ah, não sei... umas luzinhas atrapalhando... não estou vendo nada... estão atrapalhando, não estou vendo nada... estão me perturbando... umas luzinhas na minha cara... estão me perturbando... não sei que é isto.

26. L — Hein?

B — (Falando devagar-choroso) Não sei que é isto. Que é isto?... O que será?...

27. L — Hein?

B — (Falando rápido e veemente) Vou-me embora. Sabe? Vou-me embora! (Interrogativo) Eu? Eh... (Rápido) Embora!

28. L — Partindo daquela luzinha?...

B — Eu não vi mais nada.

29. L — Veja bem! As luzinhas estão vindo de onde? Preste atenção!

B — Que... (ininteligível)... gente! Nunca... Eu estou ficando doido! Está! Deixe a gente descansar um bocadinho.

30. W — Como sujou a roupa?

B — Não sei...

31. L — Veja bem! Faça um esforço! Em que lugar você está?
- B — Estou no caminho de Itaperuna . . . Venho de Itaperuna . . . Eles me querem . . . (ininteligível) me . . . Hein! Eu tenho de pegar o meu carro (caminhão) ao meio dia (amanhã) . . .
32. L — A luz está em cima de você?
- B — Está lá embaixo!
33. L — De onde ela vem?
- B — Está vindo de lá de baixo do rio . . . me seguindo . . . (murmurando) . . . é demais . . .
34. L — Mas ela sai de onde, Benedito?
- B — Lá! Onde ela vem! Rapaz, você não está vendo não?
35. L — Mas ela sai de algum lugar?
- B — Não sei . . .
36. L — Veja bem!
- W — Da beira do rio?
- B — Olha lá! Parecem 3 focos. Três focos . . . vermelho, um é muito vermelho . . . né . . . Estão me cegando . . . eu não estou enxergando direito . . .
37. W — A quantos metros?
- B — Ah . . . como posso calcular? Vem caminhando! . . .
38. W — Na sua direção? Você está andando com o seu carrô?
- B — Não, agora não! Porque já estou (ininteligível) parado . . . está parado aí . . .
39. W — O motor falhou ou você parou?
- B — (. . . ininteligível . . .)
40. W — Não quer pegar?
- B — Não!
41. W — E a luz?
- B — Está perto do rio.
42. L — Ela está sozinha?
- B — Não! Está uma pessoa. Que nada . . . parece ser até um bicho . . . que é aquilo? ! . . .
43. L — Preste atenção, Benedito! Você presta toda atenção a isto?
- Abra os olhos bem, rapaz!
- B — Não tenho condições! . . . parece um farol forte! . . .
44. L — Vem alguém carregando?
- B — (Com a entonação de grande surpresa) Uai! Tem? Tem! Como é? Não vejo . . . uns bichinhos! . . . parecem . . .
45. L — Parece o quê?
- B — (Veja!) Vá lá! Parece até que . . . parece negócio de pato! Como é que é? Pato não carrega luz! . . . um trem (uma coisa) que não conheço . . . que eu nunca vi . . . andando . . . é, nunca vi! . . . andando . . . é, nunca vi! . . . é!
46. W — Tem braço?
- B — Ahhh . . . braço dele está embutido num troço . . . não sei o que é! Parece que (há) uma capa cobrindo aquelas coisas pequenas . . .

47. W — Parece uma criança?
- B — É . . . (estou) diante de uma criança . . .

48. W — Veja o rosto, se é de gente!
- B — Não vejo! . . . não dá para ver!

49. L — O que? Está coberto?
- B — Está! Parece uma capa . . . o corpo todo coberto . . .

50. L — Veja o braço!
- B — Também os braços . . . não vejo . . . vêm embutidos numa capa . . . uma espécie de um sobretudo! Não é possível! Não é possível!

51. L — Um só?
- B — Três!

52. L — Que parecem? Crianças?
- B — Uma (s) criancinha (s). Sim!

53. L — Como é isso?
- B — Tem pé. Está andando! Se é sobre o solo, não sei . . . Mas vem andando normal (mente)!

54. W — Em direção de você?
- B — É!

55. W — E você, o que faz?
- B — (Irritado) . . . o que eu faço? Estou imobilizado! . . .

56. W — Imobilizado? Não pode se mover?
- B — Não!

CIPEX e GENA
2004

57. W — E o que eles fazem?
- B — Ahhh . . .

58. L — Veja bem! Preste atenção!
- B — Não há condições!

59. L — Você está vendo uma coisa esquisita? Está com medo, Benedito?
- B — (Calmo) Não, não estou com medo, não! Eu estou (é) imobilizado! (exclamando) Como vou mexer? Não mexo nada!

60. L — Nada, nada?
- B — Nada!

61. L — O braço?
- B — Nada!

62. L — Vontade de correr?
- B — (Calmo) Correr não. Eu queria que o meu carro pegasse (para) eu ir embora.

63. L — Você não acha isto esquisito, Benedito? O que você está pensando?
- B — Ué! Não tem jeito!

64. L — É? Presta atenção!
- E como você sujou a roupa depois?
- B — Não tem nada (de sujo na roupa) . . .

- B — Estou, estou quase chegando em casa.
65. L — E como é? A roupa está limpa agora?
- B — Minha roupa está limpa...
66. L — Viu bem quando a roupa sujou?
- B — Cheguei em casa e a mulher... (interrogativo)... A mulher está brigando comigo... que estou com a roupa suja!...
67. L — Como você sujou a roupa?
- B — Ah... meu Deus do Céu... ao eu deitar (por baixo) no carro, sujou com certeza, não, mulher? Calça minha suja! Nunca tive assim roupa suja! Não ando sujo, não gosto! Mulher está achando minha vista vermelha... Não entendo nada disto. Vou tomar um banho... (Depois) vou trabalhar.
68. — Você não tem um ferimento no braço? O que que houve? Que tem o seu braço?
- B — A mulher vê uma... (ininteligível) no meu braço, lado esquerdo. Diz que tem...
69. L — Como foi isto, Benedito?
- B — Não posso imaginar.
70. L — Você tem um ferimento e não sabe?
- B — Não tem ferida não! É uma mancha... diferente...
71. L — Vamos ver aquela luz de novo! Você vai ver de novo! Quem sabe se alguma coisa escapou?
- B — Está em cima da linha! Lá!
72. L — Veja direito!
- B — Estou parado antes da ponte. Estou vendo que... estou em cima do viaduto da estrada de ferro... Estou parado em cima do viaduto antes da ponte!
73. L — Por que parou?
- B — Porque o carro não quer pegar. Tem 3 luzinhas que me estão incomodando... aproximando lá! Olha lá! Parece garoto! Garoto não é! Parece um pato! Olha ali... Parece um pato!... Mas tem dois pés... e então não pode (ser pato)... Aí vem aproximando (se) lá! Como é a mão dele? Não se vê a mão dele? Por que?
74. L — Tem jeito de gente, rapaz?
- B — Evidente!
75. L — Que tamanho?
- B — Uns 30 a 40 cm. Olha lá! Suponho. Pode ser até maior...
76. L — A que distância está?
- B — Está (numa) distância de uns 20 metros da minha pessoa.
77. L — E não está escuro?
- B — Não se vê! Ve (ja) aquele vulto com a capa! Parou... Parou... Estão parados!
78. L — Por que estão parados?
- B — Não sei.
79. L — O que eles estão querendo?
- B — Não sei.
80. L — E você?

CIPEX e GENA 2004

- B — Estou aqui quieto. Estou vendo (os)... Quer pegar aí... não (ininteligível)... embora...
81. W — Continua parado?
- B — Que interesse eles tem?
82. W — Estão olhando para você?
- B — Estão firmes! Quem é que aguenta aquele foco? Dentro do meu carro... parece que com todo normal aí... que claridade, hein? Hein? Sinto o corpo todo arrepiado!...
- Obs.: Por fidelidade à documentação e pesquisa, transcrevemos a resposta exata, dada pelo paciente, apesar de não ser muito compreensível. A falta de objetividade provavelmente se deverá a fenômeno do inconsciente, propiciado pelo estado hipnótico.
83. L — Você está com medo?
- B — Não! Medo não! Acho estranho um negócio deste.
84. L — O que será?
- B — Não sei...
85. L — Veja bem o que eles fazem!
- B — Vão afastando, afastando de costas... agora parecem até no alto... num barracão alto...
86. L — Você vê os homens?
- B — Vi. Agora não (os) vejo mais. Vejo a luz sumindo... sumindo... (e) mais nada...
87. L — E você vai embora?
- B — Vou embora. Pegou o (motor do) carro. Vou embora aí... está amanhecendo. Vou embora!...
88. L — Vai até lá?
- B — Vou para Cataguazes, para casa... (para) trabalhar.
89. L — Mas antes de chegar em casa, onde você foi? Veja bem!
- B — Não houve resposta... pausa...!
- Obs.: Dr. Sylvio Lago suspende as 2 pálpebras superiores da testemunha, demonstrando haver uma completa reversão dos olhos para cima, confirmando o estado de profunda hipnose.
- O pulso funciona a 72 batidas por minuto. Há um evidente estado de hipotonia muscular e letargia. A respiração é profunda e ritmada em 16 vezes por minuto. A fisionomia é serena e tranquila. A testemunha está calma. Uma vez mais Benedito é levado a repetir a sua passagem pelos momentos mais cruciantes.
- * * * * *
90. L — Como está, Benedito? Está com sono, Benedito?
- B — Não! (o estado sonambótico, para muitos, seria mais próximo da hipvigilância).
91. L — Como está (se) sentindo? Bem?
- B — Bem!
92. L — O que há?
- B — O carro não quer andar! O que que houve?... (ininteligível)...
93. L — Mais alto!
- B — O que vem (a ser) aquilo lá? Vem (se aproximando)

94. L — Uma só?
- B — Não. Três lâmpadas! Tem uma vermelha, viva; parece um foco . . . Tem uma mais clara um pouquinho. Que é isto? Hein? Três lâmpadas! Olha lá! Mas como é que anda assim? *Aí tem lexiste* um despenhadeiro! Como *lexiste* gente que anda (aí) assim?
95. L — Há alguma novidade?
- B — Sumindo lá . . . Sumiu!
96. L — Sumiu? Para cima? Para baixo?
- B — Não! (Sumiu) para o lado do rio (Muriaé). Sumiu! Não tem mais nada . . . (só) tem uma luzinha longe . . .
97. L — E depois?
- B — Joaquim! Joaquim!
- (Obs.: Revive o episódio da chegada à Delegacia).
98. L — O que há, rapaz?
- B — Oh, 78! (referindo-se aparentemente ao número sob o qual é também conhecido o investigador). Oi!
99. L — O que houve?
- B — Oh lá . . .
100. L — O que que houve? Conte devagar! Calma! Diga tudo!
- B — Vamos! Vamos!
101. L — Vamos aonde?
- B — Vamos lá perto da estrada para Carangolal
102. L — O que há?
- B — Uns seres me atacou (atacaram) lá. Estou com o carro . . . (enguiçado?).
103. L — Sem pegar? Eu sei!
- B — Atacou eu (a mim) também!
104. L — De que maneira atacou você?
- B — Atacou porque não (me) deixou ir (imobilizou-me).
105. L — Explique isto, Benedito!
- B — (Com impaciência e aterrorizado) " . . . como é que vou explicar? Você tem de agir! " "Você" (referindo-se à pessoa com que está falando) "não vale nada"!
106. L — (Como se fosse o investigador policial) Mas você não explica à gente o que houve! . . .
- B — (Mais impaciente ainda) O que vocês fazem então? . . . (aqui na Delegacia?).
107. L — O que quer que leve (eu)? Um canhão? Um revólver?
- B — Tem de ir armado. Tem de ir armado!
108. L — Você não fez nada?
- B — Ué! Como? Fiquei sem sentido! (quer dizer, imobilizado) . . . Não ando armado!
109. L — Que negócio é este?
- B — Naturalmente . . . eu não sei! . . . eu não sei! . . . não vi nada mais.

CIPEX e GENA 2004

110. L — (Ainda assumindo o papel do investigador) E depois? Só isto? Você acha isto de importância? Não foi uma visão?
- B — Fantasma? Você não vale nada! (evidentemente ficando com ira, porque o investigador não quis ir ao local).
111. L — É gente de carne e osso? Ou foi fantasma?
- B — Como (é que) eu explico? Como explico? Um~~as~~ criancinhas atacando. Parecia até pato. Parecia tudo . . . se não vi mais! . . .
112. L — Você quer dizer que você tem medo de criança?
- B — Não! Não é (isso)! Não tenho medo de crianças. Pode ser um caso qualquer! . . .
113. L — Veja só a sua roupa como está (suja)!
- B — Não ando sujo! Minha roupa está limpa!
114. L — Andou em baixo do carro, por acaso?
- B — Eu rive de olhar! Eu tive de olhar! Não é?
115. L — Por que você teve que olhar em baixo do carro? Para ver se estava enguiçado?
- W — Você quer fazer agora a declaração para eu tomar nota no livro da Delegacia? Diga de novo o que fizeram com você?
- B — Vi três lâmpadas em cima de mim e três homenzinhos . . . eu não sei como é que pode ser! Com a capa . . . não vi braço. Vi perna, parece até pé de pato. Vejo aquele foco em cima de mim. Não vejo mão (s)! Que quer que eu faça?
116. W — Diga tudo que fizeram!
- B — Comigo não fizeram nada. Olharam só assim e foram embora. Eu fiquei . . .
117. L — E aquele foco que você disse que ficou em cima de você?
- B — O foco? Pois é . . . desapareceu. Naturalmente me olharam aonde que ia . . . o que podiam levar. Podiam ser ladrões. Mas não tinham condições. Não podia (m) ser ladrão (ões). (Para isso teriam) tinham de me roubar ou matar.
118. L — Como foram embora? Tinha~~m~~ automóvel?
- B — (Muito surpreendido com esta pergunta) Nãããããããããã! Parece negócio de planeta, sabe? Se não me enganar! . . . Eles se foram afastando. Na altura que estava (m) não tinham condições (de andar no chão).
119. L — Afastando? Correndo?
- B — Como que corre? Aquilo parecia uma nuvem, afastando . . .
120. L — Uma nuvem? que ia afastando, afastando?
- W — Aquela nuvem?
- B — Aquela lâmpada saiu por igual. Fugiu, fugiu . . . mas o fugir que é, não podia haver nada (para andar). (É) um despenhadeiro . . . em baixo (está situada) a linha da estrada de ferro. É do lado do rio (Muriaé). Como poderia andar assim no ar?
121. W — E no ar?
- B — E no ar!
122. W — A quantos metros (do chão)?
- B — Ahh . . . fugiu! *Aí, dava uns 15 a 20 metros por*

causa da altura.

123. L - Como é que você disse que estavam com o pé no chão?

Obs.: Embora a testemunha não tivesse dito isso, foi pelo hipnotizador feita a pergunta de modo controvertido, para obrigar a testemunha a uma reformulação da sua resposta.

- B - Pois é aquele negócio. Como é que eu podia supor que estavam no chão? Vinham andando, andando, umas coisinhas pequenas, não é!

124. L - Voaram?

- B - É. Aquelas asas que completavam a coisa a voar! Não é? Aquilo deve ser um aparelho! Um aparelho! Uma capa! Parece que (se) transformava... Que fugia (m) lentamente. Não sei se é o destino... Se é força maior... Mas...

125. L - E entrava naquela nuvem?

- W - Nuvem luminosa? Como é que é?

- B - Luminosa!

126. L - Como entrava?

- B - Parecia uma estrela... uma lua... (mas) o tempo não estava enturado...

127. L - Como não contou da primeira vez isto?

- B - Mas eu não percebi! Na saída, afastou e virou (uma luminosidade?) só...

128. L - Como é que é?

- B - Era o tipo arredondado e desapareceu... até não ver mais...

129. L - Você relatou que as luzes sumiram... que você não viu mais nada?

- B - É! Elas sumiram... numa só. As três fugiram como uma só (luz) redonda... Desapareceu... não vi mais...

130. L - Não subiram? Nem nada?

- B - Desapareceu!

131. L - Qual a impressão que era?

- B - É um tipo duma lua.

132. L - Duma lua?

- W - Para cima ou para baixo?

- B - Para cima...

133. W - E os homenzinhos?

- B - Não (os) vi mais!

134. W - E a nuvem?

- B - Desapareceu.

135. L - Agora que você fez o seu relato... vai para casa?

- B - Se Deus quiser.

136. W - (Assumindo papel do policial) E assine (a declaração).

- B - (Contrariado) Já assinei! O que você quer que eu aqui assine mais?

137. W - Não viu nada na mão deles?

- B - Eu vi aqueles focos.

138. W - (Com) cada um?

- B - Cada um tinha um foco diferente em cor, como já disse. Um vermelho... aquele que hipnotiza

(quer dizer: imobiliza?) e outro mais claro. Dois mais claros. Eu não posso supor porque... eu não lembro (o) que eles querem comigo...

139. W - Estava sentado no carro?

- B - Estou sentado neste meu carro... (incompreensível)... vou dormir...

140. W - E aquele foco vermelho hipnotiza! E o branco (o) que faz?

- B - O mais pesado é o outro. O outro branco não é para localizar qualquer objeto... o que não posso informar...

141. W - Não pode informar?

- B - Como é o que eu digo: havia 3 focos... um forte e dois mais claros...

142. W - O que fazem com os focos?

- B - Ahh!... Hipnotiza a pessoa dum jeito que fica desequilibrada.

143. L - Você ficou?

- B - Fiquei todo desequilibrado... todo paralisado!

144. L - Não acha parecido com o negócio de televisão? Tem coisa parecida! Você viu?

- B - Sinceramente, nunca vi aquilo direito (na TV) não!

145. L - No filme?

- B - (intempestivo) Não! Não! Não! Não! Depois seguiram. Ficou uma roda... grande, um quarto, um tipo de uma lua, bem maior que a lua e desapareceu aí! Não vi mais...

146. W - Qual foi a distância menor entre você e eles?

- B - Estava numa base de uns 8m mais ou menos.

147. W - Devia ter visto o rosto deles!

- B - Não vi!

148. W - E o pé?

- B - O pé estava com uma bota escura... não dá para visualizar...

149. W - Viu outra coisa neles?

- B - Nada mais!

150. W - Descreva tudo que viu!

- B - Não vi mais nada. Só aquilo!

151. W - E o chapéu?

- B - Chapéu junto com a capa... conjugado com a capa.

152. W - É um capuz?

- B - É um capuz? Era uma peça só!

153. L - É uma roupa de escafandro?

- B - É uma roupa esquisita... não posso bem dizer...

154. L - Você vê bem no escuro? É luminosa?

- B - Não dá para a gente ver. O negócio parece uma capa. Sei lá... um troço esquisito...

155. W - Muito bem. E eles falam entre si? Escuta falar?

- B - Hahhh! Se eles falam... eu não notei nada! Já vi que (a coisa) era muito séria para mim!

156. L - E que brincadeira boba de eles pararem o seu

CIPEX e GENA
2004

carro? De não perguntarem nada, nada...?

- B — Meu carro não parou! Meu carro enguiçou... não funcionou mais.

(Obs.: A resposta demonstra que a testemunha segue o seu próprio raciocínio, não se deixando influenciar pela pergunta).

157. L — Que mágica, não é? E então quando foram embora o seu carro funcionou outra vez?

- B — É. Não apareceu defeito (mais) no carro, não! Fui embora. A gente chega em casa.

158. L — Por que se meteu em baixo do carro? Para ver o defeito?

- B — (Tom de surpresa) Uá! Quem não vê? Antes de socorrer tem de ver o que o carro tem! (Qual a pessoa que não tenta primeiramente achar a causa do defeito para depois então pedir ajuda?).

159. L — Você não tem uma esteira para deitar em baixo dele?

- B — Não tem nada. Não tem nada. Mas estava meio úmido. Estava um sereninho. Não, é nada, não! (Foi) a mulher que achou que a roupa...

160. L — Ah, você não contou? Por que não contou a história a ela?

- B — É porque não tinha nada para contar! Não sei, não sei... o que foi. Não vi nada.

161. L — Agora não se lembra de nada?

- B — Amanhã vou trabalhar!...

162. L — (E) O que que aconteceu com você? Você sabe agora?

- B — Não sei não!

163. L — Você foi à Delegacia?

- B — Não sei!

CIPEX e GENA 2004

164. L — Está certo! Então descanse agora. (Benedito permaneceu em repouso durante alguns minutos depois dos quais foi sugerida a volta ao tempo presente, processando-se o despertar). Muito bem. Vai acordar agora enquanto eu conto até 10. ... 7, 8, 9 e 10. Espere aí! Devagarinho! Muito bem! Descansou, Benedito?

- B — É um calor danado. Por que?

165. L — Está com calor? Está bem? Vamos lá! Tem café. Qual a impressão deste espaço de tempo de 2 horas que você está aqui? Não é isto? Foi agradável?

- B — Deve ter sido! O Senhor gravou o negócio? Não sei, Doutor. Não vi nada!

166. L — Procure se lembrar. Faça um esforço!

- B — Não lembro de nada, Doutor.

167. L — Você se lembra do começo? Até onde você se lembra do que fez?

- B — O Sr. fez... mandou relaxar os músculos... depois eu dormi...

168. L — Você quando estava chegando (em casa) lembrou-se de que deitou em baixo do carro para examinar uma coisa?

- B — Doutor, eu não me lembro de nada. Eu sei que o meu carro não quis pegar e eu dei... no outro dia voltei, estava amanhecendo o dia, o carro pegou normalmente e cheguei em casa às 9 horas... a mulher mesmo assim me disse: "Você está sujo... Você está sujo!"

10C — DISCUSSÃO

Podemos considerar as seguintes facetas da hipnose em Benedito Miranda:

- condução do questionário durante a hipnose;
- divergência entre o relatório feito na Delegacia de Polícia e aquele feito sob hipnose;

- explicação do apagamento da memória em um episódio ufológico.

Uma vez que os itens b e c podem estar relacionados, vamos discutí-los em conjunto, após tratarmos do item a.

a) — Sobre a autenticidade da hipnose, falam por si mesmos os dados fisiológicos aqui citados e colhidos das perguntas ao paciente, durante a sua hipnose profunda. Também qualquer um pode julgar por si o interrogatório, conduzido pelo Dr. Lago, que força a testemunha a reformular suas respostas. As vezes, essas respostas são dadas veementemente, quando as perguntas são capciosas, obrigando a testemunha a defender a verdade como lhe parecia configurar-se (veja perguntas nºs 111 — 112 — 123 — 144 e 145).

O leitor ainda poderá aquilatar o experimentado hipnólogo pela insistência e habilidade com que conduziu o paciente a lhe responder diversas vezes, sobre os ângulos mais importantes do episódio, assim como:

- 1º — As luzes que se aproximaram da testemunha (perguntas nºs 25 — 36 — 43 — 94 a 96 — 120 a 129).

- 2º — O aspecto dos tripulantes (perguntas nºs 42 a 59 — 73 a 85 — 111 — 146 a 155).

- 3º — O poder hipnótico das luzes (perguntas nºs 140 a 143).

- 4º — A razão da sujeira na roupa da testemunha (perguntas nºs 64 a 67 — 113 a 115 — 158 a 160).

b,c) — No relato de B. M., feito na Delegacia de Polícia de Itaperuna, ao investigador Nilson Almeida Amorim, às 2 horas da madrugada de 25.9.71, consta que "... à saída de Itaperuna teve a passagem do seu carro obstruída por outro veículo, do qual saíram dois seres pequenos, que por meio de "focos luminosos" suspenderam-no ao ar recolocando-o em seguida no seu veículo" (ver Boletim SBEDV nº 85/89 — pág. 8). O paciente, no seu relato durante a hipnose regressiva, não mencionou estes pormenores.

Comparemos os 2 relatos: um feito na Delegacia de Polícia, há 3 anos passados, e outro feito recentemente, no gabinete do hipnólogo. Reparamos, então que as divergências dos depoimentos justificam uma nova sessão de hipnose. Nessa nova sessão, estas divergências seriam abordadas diretamente, o que não foi feito na primeira sessão, pois se queria evitar qualquer pergunta sugestiva.

À primeira vista, é difícil distinguir distúrbios nervosos causados pela interferência energética ufológica (mencionada no Boletim nº 74/79 — pág. nº 25). "A posteriori", esses distúrbios se poderiam sobrepor ao traumatismo "físico", e então constituir uma componente de ordem "psicológica". Isto foi ventilado no caso da cegueira (psicológica?) do guarda noturno Almiro, da represa hidrelétrica do Funil, que foi curado pelas sessões de hipnose aplicadas pelo Dr. Orlandino da Fonseca (ver Boletim SBEDV nº 74/79 — pág. 24).

Também, com semelhança a esse fato, poderia ter havido, no caso de Benedito, um fator psíquico adicional às influências energéticas ufológicas. O episódio ufológico, na noite da vivência, teria sido acessível à sua memória, em termos de "longa duração". Posteriormente, seja por fator psíquico ou físico (que desconhecemos ainda), essa memorização se teria transformado para o tipo de "curta duração"; e assim talvez se teria delimitado ao subconsciente, ficando então só ao alcance da hipnose regressiva. Isto já foi ventilado no Boletim nº 85/89 — pág. 22, no item "Credibilidade da testemunha e amnésia".

Ainda no Boletim SBEDV nº 80 — pág. 22, citamos algumas hipóteses a respeito da natureza das energias ufológicas, intervenientes em nosso sistema nervoso central, sejam elas de caráter químico ou magnético, impedindo o funcionamento dos contatos das terminações nervosas.

Recentemente, no artigo "Schlaf von der Decke" (O Sono Vem do Teto), o Basler Nat. Zeitung focalizou (Panorama,

22.12.73) os trabalhos de W. Ross Adey, da UCLA (Univers. de Calif., em Los Angeles). Esses trabalhos referem-se às modificações das paredes das células nervosas (e com isto, da corrente elétrica das próprias células), pela aplicação de campos elétricos de VHF (very high frequency) mas de fraca intensidade. Isto modificaria: a) a condução dos impulsos nervosos; b) a função cerebral; c) o "arquivamento de informações ...".

11 — LISTA DE LIVROS E REVISTAS

PROCEEDINGS OF THE EASTERN UFO SYMPOSIUM OF BALTIMORE — Publicação da APFO; de 23/01/71 — US\$ 3,50 — 39010. E. Kleindale Road, Tucson, Arizona 85712 — USA.

• **LA REALIDAD DE LOS OVNIS ATRAVÉS DE LOS SIGLOS** — Livro de Luis A. Font — Cr\$ 47,00.

• **EL GRAN ENIGMA DE LOS PLATILLOS VOLANTES** — Livro de Antonio Ribera — Cr\$ 41,40.

• **EL PROCESO A LOS OVNIS** — Livro de Antonio Ribera — Cr\$ 22,00.

• **EL PROBLEMA CIENTÍFICO DE LOS OVNIS** — Livro de Oscar A. Uriondo — Cr\$ 17,00.

• **OBJETOS AEREOS NO IDENTIFICADOS (UN ENIGMA ACTUAL)** — Livro de Uriondo — Cr\$ 18,00.

Obs.: Por uma informação do pesquisador Carlos Varassin, os livros (entre outros da especialidade) marcados (+) são encontrados na Livraria Francisco Juan Laisné — Rua Gonçalves Dias, 75, 1º andar — Rio de Janeiro.

SCHNELLER ALS DAS LIGHT — Livro em alemão, do Johannes Von Butlar — Editor Econ Verlag.

REISEN IN DIE EWIGKEIT — Livro em alemão — mesmo autor e editor — Cr\$ 30,90.

BESUCHER AUS DEM ALI — Livro alemão, de A. Schneider — Ed. Herman Bauer KG-Freiburg.

DIE FLIEGENDEN UNTERTASSEN SIND HIER — Livro alemão, de K. G. Rehn — Ed. S. K. Bergh.

VISITATORI DALLO SPAZIO — Livro do Dr. Alberto Pinotti — Armenia Editore — 1973 — Vila Cê Grande, 2 — 20162 — Milano — Itália — O autor é também editor de "Notiziário UFO"

e vice-presidente do Centro Unico Nazionale (o mais importante organismo ufológico italiano). O pesquisador Carlos Varassin (de Curitiba-Paraná) comentou que: "... o livro em epígrafe, juntamente com outros dois: "A Parapsicologia e os DV" (do general Moacyr Uchoa) e "Mystérieuses Soucoupes Volantes" (de Michel, Valfé e outros), constitui uma das mais recentes e excepcionais obras ufológicas. Sério, objetivo e atualizadíssimo, o autor resume e comenta o que ocorreu e vem ocorrendo, na ufologia mundial, nestes últimos 25 anos".

UFO: LA CONGIURA DEL SILENZIO — Livro — 2º volume — do Dr. Alberto Pinotti — 1974 — da mesma Editora. Segundo palavras do Sr. Carlos Varassin, nosso amigo e também pesquisador ufológico: Livro de grande atualidade, que relata os mais recentes acontecimentos ufológicos (por ex., a recente exposição do ministro da defesa da França) e resume casos selecionados da literatura mundial. Desmascara com fatos a "conspiração do silêncio", mantida pelas duas grandes potências. É uma leitura indispensável a quem pretende estar em dia com o assunto.

BOLETIM — Do "Grupo Português de Estudos sobre Discos Voadores" — Apartado 4 — Lavradio — Barreiro — Portugal — Recebemos desta sociedade o seu Boletim informando que a iniciativa tem apoio dos organismos oficiais.

IL GIORNALE DEI MISTERI — Revista — C. Todeschi — Via Messala 98 — Firenze — Itália.

LA NOUVELLE VAGUE DES SOUCOUPES VOLANTES — Livro em francês, de Jean Claude Bourret — Editions France Empire, 68, rue Jean-Jacques Rousseau — 75.001 — Paris — França.

A CIA E O CULTO DA INTELIGÊNCIA — Livro de Victor Marchetti e John D. Marks, traduzido para o português e editado pela Editora Nova Fronteira. Atualmente, quase todos os

livros e revistas ufológicas estão citando a CIA como envolvida no "Comitê Robertson" e no combate à verdade sobre os DV. Haverá, pois, leitores que se interessem pela descrição dos métodos de trabalho da Cia, muito bem apresentados neste livro.

THE BIBLE AND FLYING SAUCERS — Livro de Barry H. Downing-Sphere Books Limited — 1973 — 30/32 Gray's Inn Road-London WC 1X 8 JL. O autor, pastor da igreja presbiteriana, considera a relação entre a ciência e a igreja.

ALIENS FROM SPACE . . . THE REAL STORY OF UNIDENTIFIED FLYING OBJECTS — Livro do Major Donald Keyhoe (antigo Diretor de NICAP-Washington D. C.), Doubleday e Comp., Garden City, New York — 1973-322 páginas. O livro esclarece algumas das conexões entre a C. I. A., a USAF e o Comitê Condon.

URI — A JOURNAL OF THE MYSTER OF URI GELLER — Livro de Andrija Puharide-Ancor Press, Garden City, New York — 1974-285 páginas. O livro considera implicações da Parapsicologia, no fenômeno DV.

BEYOND EARTH: MAN'S CONTACT WITH UFOs — Livro em inglês, de Ralph Blum — Bantam Book T 8374 — US\$ 1,50 — É o livro mais "avancado" na descrição dos últimos contatos (com tripulantes de DV) nos Estados Unidos, contendo fotos de um dos casos.

LOS PLATOS VOLADORES Y SUS TRIPULANTES —

De Aduardo A. Tucci e A. Giordano — 2ª edição atualizada — Editorial Glem, S. A. — Buenos Aires — Argentina. Livro de 267 páginas, que, nas pegadas de Hugo Rocha (Portugal) e Filipe Machado Carrion (Brasil), dá mais um passo adiante no enfoque do problema dos tripulantes, seja no aspecto mundial ou no sulamericano (argentino).

**CIPEX e GENA
2004**

12 – ENGLISH SUMMARY (of the nr. 99/103 SBEDV Bull.)

The Bull. reckons with 12 chapters, 9 of them dedicated to ufo research, mainly focalizing at two ufo encounters by Onilson Paterno, a book and library trader. Paterno's two (ufo) episodes, in less than a year, have been described already in Bull. nr. 94/98, at least summarily in regard to his second episode, a contact with the ufonauts. In the map of fig. 2 you see Paterno's hometown Catanduva; single arrow shows the site of the first, and a double arrow the site of the second episode. The map, the northern part of the Brazilian state of São Paulo, shows also most of the towns where contacts with ufonauts have taken place along the last 10 years, as this is summarized in chapter 7. It seems that this part of the country has been selected by some extraterrestrial elements to submit the local earthen society to some testing and Paterno's case may well make part of this.

A general view of the case is given in chapter 4A and 4B. His second contact case is reported in 4C. SBEDV research in regard the site (Guarantã) where Paterno's kidnapping took place by an ufo (see on the map in fig. 2) and the site where he re-appeared, 900 km away from Guarantã and 6 days later, in another state, Espírito Santo, near the town (12 km away from it) of Colatina; all has been written up in chapter 4 E and 4F. In 4D has been described the search of the Paterno family, for Onilson.

In chapter 6 the credibility of the witness has been tackled with, this also in regard to the local (São Paulo) ufo research society, which thinks it technically impossible that the ufo (as described by Paterno) had lifted him up (to the ufo, at the time of the kidnapping), by a steep and flexible sheet (SBEDV: Does the S. P. group admit "right angle turns" by the ufos?) and they also found Paterno's 6 days old beard at Colatina rather lean to become credible. This (technical and physiological) reasoning by the S. P. ufo group has been tackled with by SBEDV in the chapters 2 and 6, also in regard of a rumormongering by said group in relation to Paterno's friend.

In chapter 3 the morphological aspects of the ufonauts as seen in Brazil and studied by several of the local ufo research societies during the last 17 to 18 years has been focalized summarily and a thorough study will follow in the future.

In chapter 5 the ufo events around Catanduva at the time of Paterno's first episode and also earlier to it, have been focalized.

In regard to Paterno's periods of amnesia – 2 hours approximately in regard to his first episode, 6 days minus 10 minutes (he remembers to have spent in 3 different rooms) in

regard to the second episode – now, 4 attempts of regression to those periods of amnesia have been attempted by putting the patient under deep hypnosis and this was done by 3 different people, all of them medical doctors. – Of the 3 attempts in regard to Paterno's first episode, two have brought forward rather meager results, so an attempt in São Paulo, respectively on additional one in Rio/Niterói. The M. D. of Niterói, Dr. Sylvio Lago, also a professor in medicine and an expert in parapsychology and hypnosis, spent at the case roughly 10 hours and this in 3 days. He didn't draw conclusions and the description of the sittings you find in chapter 9A and 9B.

For comparison, in chapter 9C we mentioned the case of regression under hypnosis of the policeman Herbert Schirmer and the chauffeur Lianca (Argentine) when in reference to the period of post ufological amnesia it became evident that a part of it couldn't be raised, since the post-hypnotic-orders, originated by the ufonauts, ordered silence. Also Paterno's own report (under deep hypnosis) shows a similar pattern.

Even so Paterno allways had been available for hypnosis, an attempt of the São Paulo group to put Paterno into deep trance in regard to his second episode, this attempt failed entirely, and apparently left the local research group in an irate state, in regard to the witness.

In chapter 8 the first Brazilian case of regression to an ufo episode under deep hypnosis on the witness Almiro Martins Ferreira (a night-watch-man that shot three times at an ufo at the hydro-electrical plant of Funil) is mentioned, as achieved by the MD. Orlandino Fonseca, also with the therapeutic intentions to cure the (psycho-somatic?) blindness of Almiro, after his ufo episode (he had been hit by a "blinding and deafening" heat ray, emitted by the ufo).

Also in the same chapter and also chapter 2, some of the draw-backs of hypnosis are mentioned, specially when in unscrupulous hands, which well could represent a concrete possibility, specially if one considers the hard currency injections into ufology, by politics, which desires from "naive" scientists and obedient soldiers of fortune a debunking and more an "objective view" (?) on ufology...

In chapter 10, Benedito Miranda's report about (part?) of his ufo episode (read also SBEDV Bull. nr. 85/89) hitherto engulfed by postufological amnesia, has been brought to the knowledge of the reader by the technical markmanship of Benedito's regression (to the ufo episode) in hypnotic trance induced by M. D. Dr. Sylvio Lago. A crownjewel of a technique in hypnotic regression, the chapter with picturesque highlights may also be a delight for the reader.

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

ATTENTION

Latest news for our german speaking readers: Ventis Verlag – D-62 Wiesbaden 13 Postfach 130 185 has edited "40 Regenerungen mit Ausserirdischen in Brasilien" (with 58 photos, sketches and tables, DM 26,40).

Answer:

CIPEX-Centro de Investigação e Pesquisa Exobiológica
Caixa Postal: 24.555 - Agência Uberaba - Curitiba
Paraná - Brasil- Cep. 81.570-971
e.mail: cipexbr@yahoo.com